

PERNAMBUCO

HELIA SCHEPPA

A man with a beard and glasses, wearing a white long-sleeved shirt, is seen from the side, looking out of a window. The window is set in a weathered, grey stone wall. Outside the window, there is a dense thicket of green foliage. The lighting is bright, suggesting daylight.

FORMAS DE VOLTAR PARA CASA

EM NOVO LIVRO, RONALDO CORREIA DE BRITO
RECONSTRÓI ORIGENS REAIS E IMAGINÁRIAS

COLABORADORES



Hélia Scheppa, repórter fotográfica, vem se dedicando ao trabalho da fotografia inserida no contexto da arte contemporânea.



Ricardo Viel, jornalista, trabalha atualmente na Fundação José Saramago, em Lisboa.



Santiago Nazarian, tradutor, escritor e autor, entre outros, de *Feriado de mim mesmo*, *Pornofantasma* e *Biofobia*.

E MAIS

João Almino, escritor. **José Humberto Pinheiro**, historiador. **Marcel Proust**, escritor, aqui em texto inédito no Brasil publicado originalmente como crônica. **Marco Albertim**, escritor e militante que faleceu este ano. **Renata Beltrão**, jornalista. **Yasmin Taketani**, jornalista.

CARTA DOS EDITORES

Ronaldo Correia de Brito se atordoia com a quantidade de mensagens que apitam em seu WhatsApp. A constância dos barulhos e a intermitência de seus significados dizem respeito às assombrações insistentes e incoerentes da ideia que fazemos de casa. Da ideia que ele, um exilado, faz de Casa. O escritor joga essas mensagens de seu além particular em seu novo livro de contos, *O amor das sombras* (Alfaguara) e nosso editor Schneider Carpeggiani reconstrói os caminhos de Ronaldo a partir de um ensaio/resenha/entrevista que busca os fantasmas dessa casa. Os espectros, não à toa, estão também presentes na série fotográfica que Hélia Scheppa faz com o escritor, em meio a uma paisagem abandonada. “A casa é o útero onde se fecundam as famílias, as histórias, as desavenças, os ódios, as traições, as vinganças e os crimes. O lugar onde as pessoas morriam e eram veladas, antes de serem levadas aos hospitais para se esconder que elas morrem”, diz Ronaldo, sua memória em posição fetal.

A buscar também por vestígios de um outro autor, este gravado na memória

coletiva da literatura brasileira, a escritora Ana Miranda cria uma espécie de biografia sentimental de Gregório de Matos, o Boca do Inferno, e quem escreve sobre essa relação de longa data entre Ana e Gregório é Renata Beltrão. Outros colaboradores da edição deste mês são os escritores Ricardo Viel e Santiago Nazarian. O primeiro faz um perfil do alemão Michael Kegler, tradutor premiado e autodidata que se tornou uma referência na tradicional escola de tradutores da Alemanha e é responsável pela chegada de vários livros contemporâneos brasileiros em seu país natal. Já Santiago, após uma tentativa frustrada de resenhar um livro para este mesmo suplemento graças à negligência de uma companhia editorial, discute o valor (sentimental, político, histórico) da crítica literária no Brasil. E ainda: entrevista com Noemi Jaffe, lançando seu primeiro romance pela Companhia das Letras, bastidores do novo livro de João Almino e texto inédito de Proust no Brasil.

Uma boa leitura a todas e todos.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador

Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador

Raul Henry

Secretário da Casa Civil

Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente

Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição

Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro

Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)

Lourival Holanda

Nelly Medeiros de Carvalho

Pedro Américo de Farias

Tarcísio Pereira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO

Schneider Carpeggiani e Carol Almeida

REDAÇÃO

Dudley Barbosa (revisão), Marco Polo, Mariza Pontes e Raimundo Carrero (colunistas), Fernando Athayde e Priscilla Campos (estagiários)

ARTE

Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)

Agelson Soares e Pedro Ferraz (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE

Daniela Brayner, Rafael Lins e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUA REVISTA DE CULTURA
AGORA, TAMBÉM,
NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista *Continente* e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

revistacontinente.com.br | f/revistacontinente | @revistacontinente | @revistacontinente

BASTIDORES

O amor nos tempos do gás lacrimogêneo

De como uma estadia na Espanha e novos movimentos insurgentes guiaram os *Enigmas da primavera*

JANIO SANTOS



João Almino

Quando concluí meu romance anterior, *Cidade livre*, há mais de cinco anos, comecei a tomar notas para o novo livro, que viria a ser intitulado *Enigmas da primavera*. Tive dois pontos de partida. O primeiro era que eu queria centrar a história num personagem jovem, de cerca de 20 anos. Algumas das características do personagem já estavam presentes desde o começo: sua relativa desorientação diante dos dilemas do mundo contemporâneo, sua revolta contra a passividade de seu tempo, sobretudo quando confrontada com as histórias dos que viveram as transformações comportamentais dos anos sessenta do século passado ou se engajaram na luta contra a ditadura no Brasil, e seu apego à internet e às mídias sociais.

O segundo ponto de partida tinha a ver com a técnica da escrita. Em cada livro, gosto de explorar um terreno novo. Queria escrever, pela primeira vez, uma história relativamente linear em terceira pessoa, e assim fiz.

O personagem foi pouco a pouco sendo desenvolvido. Foram surgindo os membros de sua família disfuncional, seu pai, que morreu de *overdose*, sua mãe, internada para tratamento, os avós que o criaram em Brasília, seus outros avós, residentes em São Paulo. A relação com os avós passou a ser importante, alimentando parte dos diálogos.

Quando fui morar em Madri, em agosto de 2011, tinha lugar na cidade a Jornada Mundial da Juventude, com cerca de dez mil jovens brasileiros inscritos. O evento contaria com a presença do papa. Eu via os jovens caminhando pelo Paseo de la Castellana e outras artérias de Madri, passei pelo seu centro de acolhimento e pensei: por que não trazer meus personagens para cá neste exato momento? Tomei várias notas, fiz algumas descrições e imaginei que uma das amigas do protagonista fosse católica e se interessasse em vir a Madri para a Jornada. Ele e outra amiga a seguiriam por razões distintas.

A chegada dos personagens a Madri coincide com a existência do Movimento dos Indignados. Outros movimentos de jovens ocorrem mundo afora, nos Estados Unidos com o Occupy Wall Street, no mundo árabe. São diferentes entre si e também distintos de outros movimentos de jovens do passado, como os de maio de 68 na França ou La Movida na Espanha. O que têm em comum é serem, sobretudo, movimentos feitos por jovens, conterem um elemento de surpresa, ocorrerem fora da política tradicional e organizada, e terem uma característica de relativa horizontalidade. Esse será outro tema explorado pelo romance, cuja história chega até a época das manifestações ocorridas no Brasil em 2013.

Interessei-me pela história da Espanha, muito especialmente pela ocupação árabe e muçulmana

da Península Ibérica. Tive a sorte de morar a cem metros da Biblioteca Nacional da Espanha, o que me permitiu fazer, com relativa facilidade e em geral à noite ou aos sábados, consultas a textos históricos, alguns muito antigos. Quis que os personagens fossem a Granada e construí uma história um tanto delirante para tornar “natural” a apropriação de algumas informações dessas narrativas históricas.

Para a construção de parte da trama amorosa, inspirei-me numa antiga lenda árabe, de um amor impossível entre Majnun e Layla, porém transformando-a.

Lembrei-me do período em que vivi em Paris e em Beirute para contar histórias sobre os avós, pelos quais o personagem principal nutre admiração e com os quais dialoga sobre as revoltas dos jovens. Imaginei que uma das avós, a que mora em São Paulo, fosse árabe e muçulmana. No Líbano eu havia morado durante dois anos, de 1980 a 1982, o que me ajudou na concepção da personagem, de sua vivência e de seus conhecimentos. Ela serve de inspiração ao protagonista em seu desejo de se converter ao islã. Criei também um personagem conhecedor da cultura árabe e islâmica, bem como personagens menores, alguns deles radicais, para que meu personagem central pudesse explorar tanto a tradição de tolerância do islã quanto leituras jihadistas. Li o *corão* em tradução para o português e, algumas vezes, a cotejei com traduções para o francês e o inglês.

Um dos maiores desafios era o de escrever uma espécie de diário dos acontecimentos sem cair na tentação de usar o enfoque do historiador, do filósofo ou do jornalista, todos eles necessários, mas distintos do que a ficção exige. O que me interessava era sobretudo entender as motivações e as emoções dos personagens, confrontar uns a outros, expondo seus conflitos. Entre as muitas releituras que fiz, fui ao Flaubert de *A educação sentimental*, para entender como ele havia tratado da Revolução de 1848 com enfoque literário, e a Thomas Mann para reler os diálogos entre Naphta e Settembrini sobre temas então contemporâneos.

No mais, o livro resultou de longo processo de revisão, como sempre ocorre no meu caso. O primeiro rascunho escrevo num tempo relativamente curto, digamos, de dois anos, e passo muito mais tempo reescrevendo, fazendo cortes, buscando palavras mais apropriadas à narrativa, e até mesmo modificando a ordem de alguns acontecimentos.

O LIVRO



Enigmas da primavera

Editora Record

Páginas 288

Preço R\$ 42,00

RESENHA

Gregório de Matos na sala dos espelhos

O Boca do Inferno ganha biografia sentimental nas palavras de Ana Miranda

Renata Beltrão

KARINA FREITAS



No terceiro andar do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, o *video mapping* projetado no anverso do telhado ilustra visualmente a leitura de poemas e textos icônicos da literatura brasileira; as vozes de atores, atrizes, escritores, cantores e artistas em geral, saem de discretas caixas de som. O público assiste ao espetáculo de cores mais ou menos imóvel, até que o tom de leitura é substituído pelo da batida de *hip hop*, enquanto uma luz estroboscópica acompanha o ritmo. Entra a voz do rapper Rappin' Hood, cantando um poema que fala sobre uma cidade tomada pela corrupção. Agora hipnotizada, a plateia acompanha atentamente os versos rimados, cuja atualidade é ressaltada pela música. O texto, no entanto, tem mais de 300 anos. É identificado pela didascália *Juzo anatômico dos achaques que padecia o corpo da República em todos os membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia*, mais conhecido simplesmente como *Epigrama* ou *Epílogo*, do poeta baiano Gregório de Matos e Guerra, que acaba de ganhar biografia composta pela escritora Ana Miranda.

A relação entre Ana Miranda e Gregório de Matos não é nova. Em 1989, a estreia da jornalista cearense na literatura se deu com *Boca do inferno*, romance histórico que trazia o poeta barroco como personagem principal. Ancorado em uma sólida pesquisa documental, o livro navegava entre Literatura e História, como viriam a ser quase todos os trabalhos posteriores de Ana. *Boca do inferno* lhe rendeu um Prêmio Jabuti em 1990 e, com ele, a entrada no mundo literário brasileiro.

Vinte e seis anos depois, essa volta a seu personagem primevo se dá pelo caminho reverso, como num jogo de espelhos. Em *Musa praguejadora*, estão lá pesquisa histórica e documental, como convém a um trabalho biográfico, mas seu uso vai tão longe do convencional que chega a ser contraditório o

rótulo de “biografia definitiva” que a Editora Record crava na orelha.

Ao fim de 555 páginas de leitura, são outras duas coisas que se mostram definitivas: o fascínio que Gregório de Matos ainda exerce nos leitores brasileiros e a perícia de Ana Miranda na construção de um livro que não se pode classificar facilmente. Aliás, curiosamente contradizendo seu departamento de *marketing*, a editora o catalogou oficialmente como romance.

Musa praguejadora é e não é uma biografia, é e não é um romance. E não é uma simples mistura entre os dois.

Ana Miranda já revelou ter uma preocupação gestáltica com a forma, que aqui se expressa na divisão visualmente clara entre trechos biográficos, em corpo normal, e criação literária, sempre em itálico.

No fuso biográfico, o fio do texto segue um esquema mais ou menos tradicional: a história do poeta começa a ser traçada a partir das origens dos seus antepassados, das circunstâncias de seu nascimento, da infância e da juventude, do estabelecimento como advogado e conceituado funcionário da igreja, dos conflitos da idade adulta, até a morte. *Musa praguejadora* também faz um vívido retrato da sociedade e das relações sociais na Bahia do século 17, formando um conjunto até mais interessante do que os pormenores da vida de Gregório de Matos.

Mas é nos capítulos literários que o livro realmente se revela. Nestes, os poemas do Boca do Inferno são interpretados para atuar como uma espécie de autobiografia póstuma. Ana costura trechos de diferentes textos do autor, organizando-os como trilhas de pensamento, para que a voz de seu inconsciente nos chegue, três séculos depois de sua morte. Dessa colcha de retalhos temos o que Ana considera ser o retrato das motivações de Gregório



de Matos, quando escrevia sobre mulheres, sobre a corrupção na Bahia, sobre a angústia de ser ao mesmo tempo idolatrado e condenado por seus versos:

“De que pode servir calar, nunca se há de falar o que se sente? Sempre se há de sentir o que se fala! A mudez canoniza bestas feras. Sou largo em sentir, sucinto em respirar, e quando sofro, me calo, tão fino e tão atento que disfarço meu tormento, mostro o que não padeço, mas sei o que sinto. A minha dor que encubro, ou desminto, é sustento dentro do coração que, para pensar, é sentimento, e para não me entender, é labirinto”.

O trecho em prosa rimada deixa patente sua origem, numa construção engenhosa que não deixa de manter sua fidelidade aos textos de Gregório de Matos, mas ao mesmo tempo oferece um novo olhar sobre o que podem ter sido os sentimentos de seu autor, exacerbado pela compilação de versos que originalmente faziam parte de dois poemas diferentes – *Aos vícios* e *Admirável expressão que o poeta faz de seu atencioso silêncio*.

Além de tudo, Ana Miranda construiu uma biografia da qual é possível fazer *spoiler*. Um feito e tanto, quando se trata de um biografado morto há tanto tempo, em circunstâncias mais ou menos bem registradas. O segredo reside no que *Musa praguejadora* tem de romance, não apenas baseado nos versos deixados por Gregório de Matos, mas também pela força criativa que é exclusividade da escritora. Assim, o primeiro biógrafo do Boca do Inferno, Manuel Pereira Rabelo, vira, ele próprio, um personagem, com papel fundamental na trama paralela inventada por Ana como espelho da biografia.

Publicado poucas décadas após a morte de Gregório de Matos, o livro de Pereira Rabelo foi também o primeiro a compilar os mais de 700 poemas atribuídos a ele, acrescentando a cada texto as didascálias (espécie de resumos) no papel de títulos, já que o poeta mesmo não os atribuía. Até hoje, pouco se

sabe sobre o misterioso autor, cujo trabalho foi fundamental para que conheçamos o poeta baiano nos dias de hoje.

Ana lida com esse mistério pelo viés do sobrenatural. Talvez Gregório de Matos viva e se manifeste em seus biógrafos, por meio dos seus poemas. Talvez tenha se manifestado na própria Ana em *Musa praguejadora*. Talvez.

Se houvesse um rótulo possível para este livro, “biografia sentimental” seria minha aposta. *Musa praguejadora* pode ser lido como a história não de Gregório de Matos simplesmente, mas da relação de Ana Miranda com ele e com sua obra. “Bastariam os poemas como sua biografia”, diz a Ana, numa frase chave para se entender o livro.

Musa praguejadora é também um trabalho sobre o feminino, caminho tão marcante na obra de Ana Miranda quanto a trilha dos romances históricos – mesmo que a História seja dominada por personagens masculinos. *Desmundo* (1996) dá voz às invisíveis mulheres dos primeiros anos da colonização brasileira, órfãs trazidas de Portugal para procriar crianças brancas em casamentos forçados. *Amrik* (1997) é a história dos imigrantes libaneses na São Paulo do final do século 19, mas pelos olhos de uma adolescente cujo maior prazer era dançar. *Dias e Dias* (2010), embora baseada na biografia de Gonçalves Dias, é a história do amor platônico que a personagem Feliciano nutre pelo poeta da *Canção do exílio*.

Assim, a biografia de Gregório de Matos é também um excelente registro histórico da condição das mulheres do Brasil do século 17, inclusive no que diz respeito à forma como o poeta as tratava em seus textos. Assumidamente boêmio, Gregório de

Matos manteve casos esporádicos com dezenas de mulheres, das mais variadas condições sociais. Na fase da conquista, aparecem sempre como virtuosas e altivas; quando finalmente as consegue, não raro passam a ser tratadas com virulência e referências chulas. Embora de consciência apurada quanto ao contexto político, o Boca do Inferno considerava as mulheres inferiores e submissas, refletindo o pensamento vigente na sociedade da época.

Especialmente interessante é o capítulo dedicado ao Convento de Nossa Senhora do Desterro. Construído na Bahia com o dinheiro doado por famílias ricas, o convento passa a receber as moças cujos pais optaram por não as dar em casamento, para poupar a família do pagamento do dote. Como freiras, as sinhazinhas ganhavam uma liberdade da qual não desfrutavam em casa. Mantinham-se atendidas por escravas, longe dos trabalhos pesados e das convenções sociais que reinavam nas casas de família. E não raro conseguiam manter casos amorosos regulares, dentro mesmo do convento. Vários dos poemas satíricos de Gregório de Matos – ele mesmo dado aos amores freiráticos – dizem respeito ao comportamento das noviças.

No fim do livro, Ana Miranda apresenta seu “ramilhetete de flores”, uma extensa lista, em ordem alfabética, apresentando todas as mulheres imortalizadas como personagens do poeta.

Em 2012, Ana Miranda foi uma das convidadas do Festival da Mantiqueira, evento literário intimista realizado anualmente em São Francisco Xavier, distrito de São José dos Campos, no interior de São Paulo. Numa sala pequena a audiência ouvia atentamente a escritora. Ana falou por vários minutos sobre seus textos e desenhos voltados ao público infantil. Ostentando cabelos brancos com desenhos de voltura e jovialidade, curti o novo papel de avó e fazia dele literatura.

Já ao fim do encontro, ela falou brevemente sobre *Boca do Inferno* (1989), confessando que se sente ingrata ao livro – “Gosto mais de *Desmundo*”, justificou. Olhando novamente as anotações da época, vejo que várias de suas observações poderiam ser aplicadas em reverso também à *Musa praguejadora*. “*Boca do Inferno* foi absolutamente respeitosa na construção clássica, embora tenha sido ‘bordado pelo avesso’ – ou seja, literatura construída a partir da História, baseada em fontes de pesquisa, mas livre na escrita e na especulação do que não está sacramentado em documentos.

Ana também festejava o que para ela parecia ser uma “mudança fantástica” no modo contemporâneo de fazer História, algo que permeia toda sua obra e que colocou novamente em prática em seu novo livro: menos atenção às datas e fatos, mais às mentalidades de época, aos modos de pensar e às práticas sociais. Entre as montanhas da Mantiqueira, afirmou: “romancistas são historiadores que fingem estar mentindo; historiadores são romancistas que fingem falar a verdade”. *Musa praguejadora* fica exatamente entre os dois extremos.

Gregório de Matos foi exilado em Angola em 1694 por causa dos poemas satíricos em que atacava as autoridades brasileiras. Nunca pôde voltar à Bahia. Conseguiu salvo-conduto para entrar novamente no Brasil em 1695, mas ficou no Recife. Ao chegar, provavelmente apresentou-se ao governo, como era praxe aos notórios da época, visitando o palácio de Friburgo, deixado por Maurício de Nassau antes do encerramento da ocupação holandesa em Pernambuco, quatro décadas antes.

Morreu doente em dezembro de 1695, quando a cidade festejava a morte de Zumbi e a destruição do Quilombo dos Palmares. O Boca do Inferno foi então enterrado na capela do hospício de Nossa Senhora da Penha, conhecida também como Penha dos Franceses, demolida décadas depois. As informações sobre a igreja são escassas, mas é possível que tenha existido no local onde hoje se eleva a basílica da Penha, dos frades capuchinhos, nas imediações do atual mercado de São José.

Não houve lápide ou epitáfio; até hoje não há nenhuma indicação no Recife de que a cidade guarda os restos mortais do poeta que há três séculos seduz o Brasil.

ENTREVISTA

Noemi Jaffe

“O incommunicável precisa estar presente na escrita”

Escritora cuja identidade oscila entre o paulistana/brasileira e judia/filha de refugiados faz de seu primeiro romance um livro sobre as fugas necessárias

RENATO PARADA/DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

Quando parte da Hungria rumo ao Brasil, em 1956, Írisz deixa para trás uma revolução fracassada, uma ideologia, o companheiro e a mãe. Em São Paulo, soma-se ao passado incerto da personagem a condição de estrangeira – e é por meio desse estranhamento que conhecemos a protagonista de *Írisz: as orquídeas* (Companhia das Letras), primeiro romance da escritora e crítica literária Noemi Jaffe, mais conhecida por *O que os cegos estão sonhando?*, livro de memórias baseado em relatos que

sua mãe deixou ao conseguir sobreviver do campo de extermínio de Auschwitz.

“Írisz é uma estrangeira e, nesse sentido, ela estranha as palavras do português. Os escritores também são seres que estranham as palavras; quem automatiza a linguagem não pode escrever criativamente”, compara Noemi, que em *A verdadeira história do alfabeto* (Prêmio Brasília de Literatura 2013) criou origens ficcionais para as letras do alfabeto.

Trabalhando no Jardim Botânico, onde estuda orquídeas, a protagonista encontra uma metáfora para suas raízes – que tampouco se fixam em lugar algum – e um convívio

afetuoso em Martim, seu chefe, comunista dissidente. Na entrevista a seguir, a paulistana Noemi Jaffe fala sobre sua relação com essa personagem singular, a condição do estrangeiro e a pesquisa histórica para o romance.

Írisz, como as orquídeas, tem “raízes aéreas”: se espalha, não se fixa na terra. Como você se relaciona a essa característica da personagem?

Tenho uma relação bem ambígua com essa característica de Írisz, que é seu aspecto principal. Por um lado, quis criar uma personagem bem diferente de mim. Tenho raízes bem mais firmes do que as dela, pois me identifico muito tanto com o fato de ser brasileira e paulistana como com o fato de ter nascido judia, num bairro judeu e de ser filha de refugiados de guerra. Penso que esses traços são constitutivos da minha personalidade e também da minha escrita. Por isso, penso que, a não ser por circunstâncias que me forçassem, não sou uma pessoa que foge. A Írisz, por sua vez, mesmo tendo sido obrigada a fugir, tem isso como seu traço mais importante. Ela fugiria, penso, mesmo que não fosse obrigada. Não quer e não consegue se estabelecer e nem criar laços duradouros com os lugares ou com as pessoas. Isso pode ter a ver com a forma como foi criada, com a revolução, mas pode também ser um lado de sua natureza. Cada leitor decidirá como interpretar isso. Eu admiro esse lado da Írisz, porque também gostaria de fugir de algumas situações em que acabo me envolvendo mais por escrúpulo do que por desejo. O livro questiona isso mesmo: até que ponto fugir é desonroso, desonesto? Fugir também pode ser uma forma honesta e necessária de lidar com alguns problemas.

Ao mesmo tempo, parece ser importante para Írisz buscar não só a origem das palavras, mas entender sua própria origem. A escrita literária, ficcional, te ajuda nessa compreensão?

“*Acredito que cada pessoa tem sua porção estrangeira ou deveria buscá-la, porque, para escrever, ela é fundamental*”

Sim, sem dúvida. Tenho a fantasia, que muitas vezes se constitui como realidade, de que as palavras dizem mais do que elas normalmente expressam, quando aproximadas de sua origem. Como na origem as palavras têm significados bem mais concretos do que ao longo de sua evolução – quando elas vão se tornando abstratas e passíveis de vários usos – penso que, em seu nascimento, elas têm a ver com o gesto literário, que também é concreto. A literatura expressa a vida acontecendo, em sua condição mais concreta. Írisz é uma estrangeira e, nesse sentido, ela estranha as palavras do português. Os escritores também são seres que estranham as palavras; quem automatiza a linguagem não pode escrever criativamente.

Sua atuação como crítica literária interferiu na escrita do seu primeiro romance?

Minha atuação como crítica e também como professora – porque são coisas co-extensivas – sempre interfere na minha escrita. Tenho muita autocensura, reescrevo tudo muitas vezes, tento prestar atenção no máximo de coisas possíveis e acabo, muitas vezes, prejudicando a mim mesma. Tenho mania de explicar tudo muitas vezes, dar mil sinônimos para cada coisa e isso deixa minha escrita meio redundante, às vezes. Daí tenho que ficar enxugando tudo.

Mas é divertido também e aprendo muito com isso.

Como foi adotar o ponto de vista de Írisz para narrar a história? E como foi a “convivência” com a personagem durante o período de escrita do livro?

Foi um grande aprendizado para mim, como já disse, pelo fato de ela ser tão diferente de mim e, ao mesmo tempo, inevitavelmente semelhante em alguns aspectos, já que era eu que a estava criando. Mas, muitas vezes, sentia que precisava conhecê-la, que eu também precisaria ser estrangeira, não falar a língua, não entender as coisas. Nesse sentido, foi muito bom ter passado um mês sozinha em Paris, onde eu ficava as tardes procurando um lugar para escrever. Era uma experiência curiosa e muitas vezes dolorosa também. Acho que isso ajudou. Procurava fazer as coisas como se fosse ela que estivesse fazendo. Não só ela é diferente de mim, como tudo o que ela estava vivendo também. Então precisei fazer bastante trabalho de pesquisa, o que permitiu um maior distanciamento, sempre necessário para a escrita.

Que contraponto buscou ao utilizar Martim como narrador, alternando-o com Írisz? E como surgiu a ideia de contar a história e expor as dúvidas da personagem com cartas e relatórios?

Quis criar o contraponto de um maior pragmatismo, uma carga de silêncio, de

comedimento, tudo aquilo que se opõe à grande energia e alegria de Írisz. Martim é uma pessoa equilibrada – até certo ponto, mais abnegado e menos entusiasmado do que Írisz. As características certas para um membro médio do partido comunista da época. Achei que isso seria muito importante para Írisz, no momento que ela estava vivendo e para contrabalançar sua personalidade tão “gulosa”. A ideia dos relatórios surgiu pela necessidade de criar um motivo para Írisz estar escrevendo e também pelas semelhanças que fui encontrando entre Írisz e as orquídeas. Ela começava a escrever os relatórios e se dava conta, no meio da escrita científica, do quanto aquilo tudo se assemelhava a sua própria vida.

A condição estrangeira de Írisz — com sua herança da terra natal, incomunicável, sem poder pertencer de fato ao novo endereço — ecoa sobre você de alguma maneira?

Sim, certamente. Sou filha de refugiados de guerra que, mesmo há muitos anos no Brasil, ainda se sentem estrangeiros (pela língua, hábitos, religião) e eu mesma vivi e ainda vivo muito essa condição. Em certa medida, acredito que cada pessoa tem sua porção estrangeira ou deveria buscá-la, porque, para escrever, ela é fundamental. Todos temos uma mão canhota, uma

“*Todos temos algo inconfessável. Isso pode ser complicado para a vida cotidiana, mas é importantíssimo para a literatura*”

obsessão, algo inconfessável, uma ignorância, uma incompreensão. Isso pode ser complicado para a vida cotidiana, mas é importantíssimo para a literatura. O incomunicável, paradoxalmente, precisa estar presente na escrita.

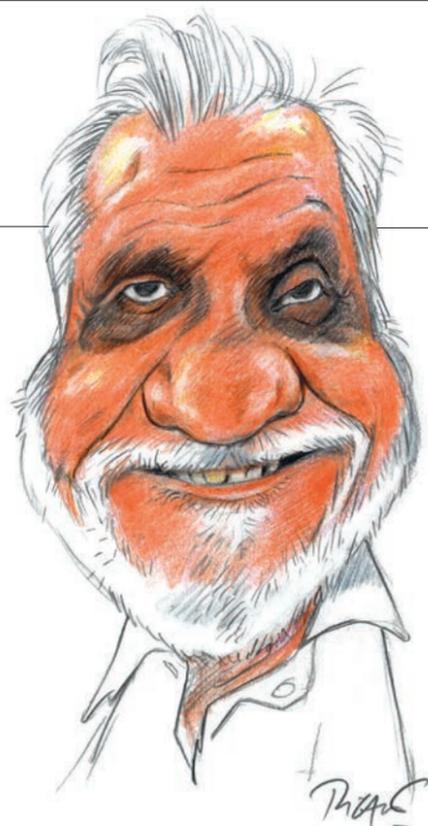
Li que seu romance se relaciona com as origens de sua mãe, com fatos reais e com pessoas consultadas para compor os personagens. Por que dar-lhes a forma de ficção? Ou o que essa ficção teve que buscar no real, por meio das pesquisas que você realizou?

Meu romance se relaciona com minha mãe, na medida em que ela nasceu numa cidade bilíngue, onde se fala sérvio e húngaro, e por ela ter morado durante dois anos em Budapeste, depois de ter voltado da guerra. Ela também nos levou para conhecer a cidade, as três filhas, quando ela completou oitenta anos. Isso fez com que eu me apaixonasse ainda mais pelo país e pela língua, pela qual eu já me interessava desde a adolescência, por causa do que dela disseram Guimarães Rosa e Paulo Rónai, entre tantos outros. Que o húngaro é a língua do diabo, por exemplo. Além disso, para falar sobre a Revolução Húngara de 1956, um dos eventos mais lindos e sofridos da história do século 20, precisei conversar com várias pessoas e ler vários livros. Conversei com uma mulher que participou da revolução, com Armênio

Guedes, um comunista histórico brasileiro, com Ananda Apple, especialista em orquídeas, e outras pessoas que me ajudaram a compor a narrativa de forma mais verossímil.

Írisz parece ter vindo de um terreno instável: desde a situação/desilusão política em seu país, a perda de contato com o pai logo na infância, a condição de estrangeira no Brasil, o fato de ter abandonado seu companheiro e sua mãe e ter optado por seguir sua própria vida. Como ela se equilibra em meio a esse cenário, e segue espontânea, delicada e sem rancor?

Acho que seu jeito maluco, espontâneo, delicado, sem rancor, como você disse, tem a ver com a capacidade dela de lidar com as coisas. Ela não sabe direito o que acontecerá amanhã, como ela vai administrar as coisas, com muita antecedência. Ao mesmo tempo em que ela é responsável e realiza o que se propõe a fazer, ela não planeja muito. Pode ser que amanhã surja uma proposta para ir para a Amazônia e ela vá, entende? Porque ela não cria vínculos muito fortes com as coisas – embora sinta muito amor por elas – e porque está aberta ao que vier. Ela não deixa de sofrer e pode ser até que sofra mais por isso tudo, mas também não deixa de viver em função dos problemas que enfrenta. Ela tem uma dose necessária de egoísmo, digamos assim.



Raimundo CARRERO

Toda (boa) sedução exige apuro técnico

Graciliano Ramos deixou as pistas para a literatura não se tornar refém da intuição

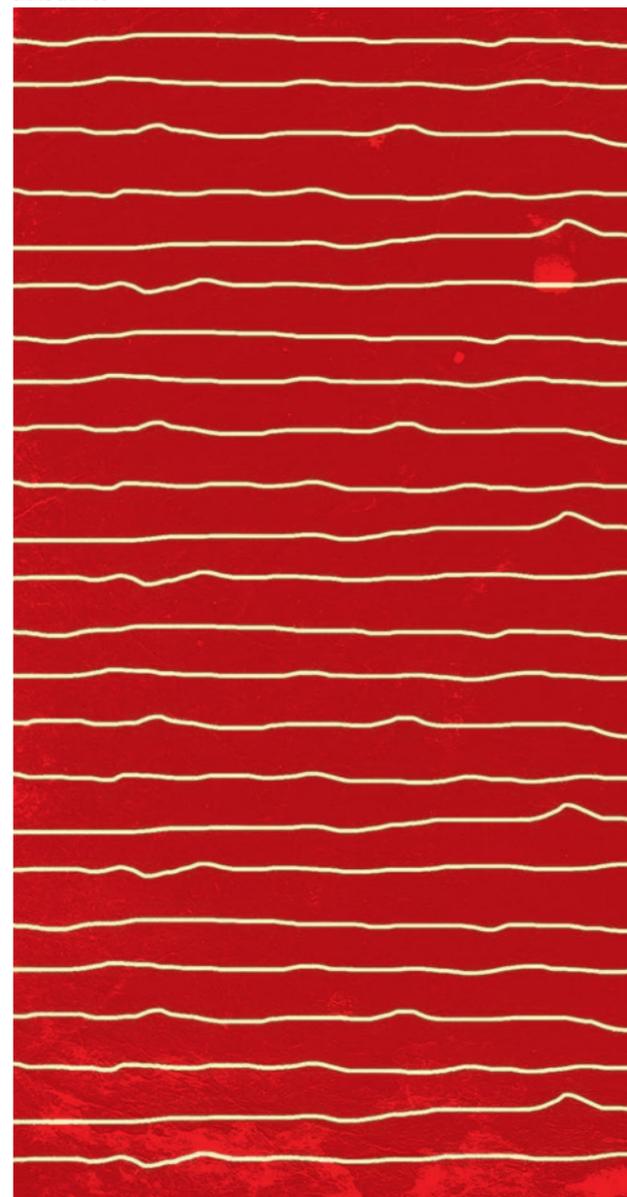
“Nos tempos confusos em que vivemos, as questões técnicas, pelo menos no Brasil, tendem a desaparecer.” A advertência, em tom de desabafo e desolação, é do escritor Graciliano Ramos em artigo sobre a escritora Diná Silveira de Queiroz, lamentando que os romances no Brasil sejam tão descuidados, principalmente na linguagem e na estrutura. Notável defensor das técnicas para a construção artesanal da obra de arte de ficção, ele sempre analisou os livros dos contemporâneos, demonstrando conhecimento dos elementos internos da narrativa. O artigo pode ser encontrado nas páginas 162 e 163 do livro *Linhas tortas*, da editora Record, e compõe a segunda parte do volume. Ali, o autor de *Angústia* lamenta, justamente, a ausência das técnicas e faz muitas análises curiosas.

Começa destacando a questão da linguagem, reconhecida hoje como a única técnica de destaque na narrativa brasileira. Este começo é fulminante: “O romance de estreia da senhora Diná Silveira de Queiroz merece um ataque. Primeiramente, a jovem paulista não escreve bem: ‘Letícia olhou para a fila de pereiras, para a estrada que levava para longe, para lugares escondidos para sempre’”.

E continua: “Eu não devia falar em semelhantes coisas, aludir às receitas fáceis da cozinha literária, mostrar ao público a inadvertência de alguém que, no preparo de duas linhas, meteu a mão na lata das preposições e encaroçou um período com repetições desnecessárias.” E reforça com a frase já clássica: “Isto é um simples reparo, feito apenas porque as questões de técnica, nos tempos confusos em que nos encontramos, pelo menos no Brasil, tendem a desaparecer.”

Em outro artigo, desta vez sobre o livro *Porão*, de Newton Freitas, ele mostra como, tecnicamente, o escritor deve montar o personagem. O que diz ele, do alto de sua autoridade de autor consagrado e de crítico emérito, mestre de todos nós em qualquer circunstância? “O autor nos mostra a parte externa dos indivíduos. As suas personagens andam bem, falam, mexem-se. Notamos os seus movimentos e vemos onde elas pisam, mas não percebemos o interior delas. Estão atordoadas, evidentemente, não podem pensar direito, mas teria sido bom que os acontecimentos se apresentassem refletidos naqueles espíritos torturados. Seria preferível que, em vez de vermos um soldado empurrando brutalmente os presos por uma escada com o cano duma pistola, sentíssemos as reações que o soldado, a pistola e a escada provocaram na mente dos prisioneiros.” Isto é técnica absoluta, uma verdadeira oficina literária que explica como um personagem deve ser conduzido pelo autor, através do narrador, para que o leitor perceba a grandeza da cena. Portanto, uma aula de cena e de personagem, algo que Graciliano realizava muito bem, com a maestria de um estudioso que rejeitou um livro de Guimarães Rosa e que, mais tarde, ensinou-o a aperfeiçoar *Sagarana*.

JANIO SANTOS



Sem técnica, e isto é definitivo, não se escreve uma grande obra. Com a vantagem de que estou aqui falando de dois gênios.

Não adianta falar apenas em inspiração, intuição e estranhamento. É decisivo que o autor conheça e realize as técnicas que o levam a seduzir o leitor.

Mas como é possível realizar esta lição de Graciliano? Veremos em *Vidas secas*, por exemplo. Na abertura desse romance, Graciliano usa a técnica do *olhar do personagem* na posição de narrador – ainda na primeira página identificamos este narrador, com absoluta clareza. Está escrito assim: “Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes.”

Parece, em princípio, apenas uma narrativa exterior, com cenário muito claro, mas está apresentada

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

POESIA

O poeta pernambucano Weydson Barros Leal lança *Os dias*, pela Topbooks, com textos longos e densos

Desde que surgiu, em 1985, com o livro *Água e pedra*, Weydson Barros Leal (foto) vem a cada obra se consolidando como poeta, com uma visão de mundo e, conseqüentemente, linguagem muito próprias, graças à forte personalidade e ao grande talento. Após enveredar pelo teatro com a peça *Caetana* (em parceria com Moncho Rodriguez) e pela crítica de arte (é autor de dois livros fundamentais sobre

Francisco Brennand e Gilvan Samico) o poeta pernambucano lança agora *Os dias* (Topbooks), provavelmente seu melhor trabalho. Em poemas longos e densos entrelaça personagens arrancados da memória com escritores, pintores e músicos, numa dança de imagens e conceitos que transporta o leitor para um universo onde a inteligência e o requinte ainda são possíveis.

FOTO: DIVULGAÇÃO





aí a agonia do personagem – narrativa interior, para ressaltar a exigência de Graciliano com relação à montagem do personagem. Onde estaria a agonia do personagem? Exatamente na humanização do verbo *alargar*. Cena cinematográfica: planície vermelha com manchas verdes e um verbo enigmático porque o olhar do personagem é que sente os juazeiros alargando as manchas verdes. Como as árvores não têm sentimento, o personagem passa a agonia – fome e cansaço –, num desmaio que acontecerá mais tarde. Esta frase pertence, claramente, ao menino mais velho que desmaia e é fustigado por Fabiano, com a bainha da faca para que acorde e se levante.

Vejamos como isso fica bem claro, logo diante. Na narrativa do menino:

“Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se.” Genial. Os verbos fazem aflorar o sentimento do personagem.

Em seguida: “O menino mais velho pôs a chorar, sentou-se no chão.” E adiante: “Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos.”

A grandeza do autor está no fato de que ele não diz, mas mostra. O fundamental disso tudo é que o autor consciente de sua missão, não só aconselha como realiza. O domínio da técnica, que o Brasil abandonou para contar historinhas de terno e gravata, faz a grande literatura ou apenas a literatura, como nos ensinaram Machado, Guimarães, Clarice e, é claro, Graciliano.

Fique em paz, mestre Graça. Há ainda quem pense em técnicas neste Brasil confuso.

AVENTURA

Editora investe em literatura policial com pegada juvenil

A editora Vestígio (do Grupo Autêntica) está explorando o mercado dos livros dedicados ao público jovem, com um viés diferente. Os dois primeiros títulos são *Sherlock Holmes no Japão*, de Vasudev Murthy e *Jack, o estripador em Nova York*, de Stefan Petrucha. A ideia é colocar famosos personagens do imaginário policial em circunstâncias e locais diferentes, privilegiando a aventura.

TEORIA

Em livro da Confraria do Vento, poeta investiga com obsessão as principais questões em volta dos versos

O que é a poesia? Para que serve? O que faz um ser humano se tornar um poeta? A inspiração existe? Estas e outras indagações que sempre envolvem o fazer poético são retomadas, desenvolvidas e desdobradas no livro *Frente & verso: sobre poesia e poética* (Confraria do Vento), pelo poeta, crítico, tradutor e autor de livros infantojuvenis Carlos Felipe Moisés, nascido em São Paulo. Ele confessa

que o livro não nasceu de um projeto, mas da reunião de vários artigos, entrevistas e anotações, publicados ou inéditos, a remastigar insistentemente o mesmo tema que, desde os dez anos de idade, é quase uma obsessão: o fazer poético. Escritos com simplicidade e clareza, os textos trazem mais perguntas que respostas, como modestamente diz o autor. Mas, certamente, surpreendem.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.
- VII** É vedado ao Conselho receber textos provenientes de seus conselheiros ou de autores que tenham vínculo empregatício com a Companhia Editora de Pernambuco.

Companhia Editora de Pernambuco

Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

SECRETARIA
DA CASA CIVIL

GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

CAPA



Ronaldo escuta os fantasmas da casa

Novo livro do escritor traz o barulho dos habitantes invisíveis

Texto: Schneider Carpeggiani/ Foto: Hélia Scheppa

*“O 124 era rancoroso. Cheio de um veneno de bebê. As mulheres da casa sabiam e sabiam também as crianças”
(Toni Morrison, em Amada, avisando como certos lugares são habitados, para além dos seus moradores oficiais.)*

Antes, bem antes desta matéria de capa ter começado a se concretizar, bem antes de termos levado Ronaldo Correia de Brito para ser fotografado em meio a ruínas e para ser enquadrado num canalvia pelas lentes da fotógrafa Hélia Scheppa, houve uma conversa entre nós dois na cozinha da sua casa. Ronaldo me falava que algumas tramas do seu novo livro de contos, *O amor das sombras* (Alfaguara), haviam surgido justamente pelo ruído das mensagens que recebia no seu WhatsApp a qualquer hora do dia. Por “ruído” entenda a polifonia dos diálogos que começam e se partem sem aviso (e talvez conversar hoje seja assim mesmo, começar e abandonar o outro no ar, sem nem mais o perdão das reticências), por arquivos enviados para todos e ninguém, e por estranhas fotos de perfil que se erguem e se apagam, transformando identidades em gifs animados. Enfim, uma bárbara invasão de privacidade, esse conceito mofado que nos últimos anos decidimos deixar de lado e tudo bem.

A forma como Ronaldo me relatava a relação estabelecida com seus contatos de WhatsApp me lembrava a de um morador que se espanta com os ecos, com os andares que visita sem necessidade, só de curioso mesmo, com as vidas e as sombras em que

*As portas hoje,
avisa ele, já não
servem de muita
coisa. Na casa já
se “está”, ainda
que não queiramos
(outra vez) entrar*

tropeça ao se mudar para um novo edifício. Ronaldo habita agora uma nova vizinhança, um novo endereço onde seus vizinhos são incômodos, barulhentos na superficialidade das suas paixões e indiscretos até em seus silêncios. Na nova “casa”, nem sempre trancar a porta resolve – as paredes dessa construção são finas e ocas, frágeis, mas donas de um temperamento bem forte. Talvez a essa agitação que não conseguimos abafar, que independe de nossos esforços, damos muitas vezes o nome de assombração.

É como se esse “condomínio” que Ronaldo agora carrega dentro do bolso fosse justamente um território assombrado. Pensando assim, é compreensível que ele tenha levado – talvez para tentar entender ou mesmo denunciar, como aquele morador que chama a polícia para acabar com a festa numa madrugada qualquer de sábado – o molde de alguns desses fantasmas barulhentos para dentro de um livro.

Ao travar contato com o alto volume das assombrações a habitar o novo livro é que pude compreender melhor a sua coleção anterior de contos, *Retratos imorais*. Só agora consegui escutar o quanto esse livro é silencioso. Até mesmo em contos que, à primeira vista, parecem exigir uma agitação de vozes intensa, como a disputa pela coroa do maracatu de “A rainha sem coroa”, os personagens de *Retratos imorais* parecem falar para dentro, rangendo o dente como cães raivosos, mas muitas vezes calando antes de ladrar. É a angústia como fala entupida, vertida em imagens fortes e clarões de luz pelas páginas. São histórias que parecem sussurradas em nossos ouvidos ou mesmo apenas imaginadas. O conto “Homem atravessando pontes”, por exemplo, é mudo já no seu título, pela vastidão de solidão que essa expressão carrega (penso na imagem do homem caminhando por sobre o rio, num movimento que a câmera não interfere e ele nem olha de volta e talvez finja nem perceber que é observado). Uma narrativa de passos em que as palavras não podem atrapalhar o percurso. Em *Retratos imorais*, ninguém “fala” e tudo acontece, ainda que num lugar inaudível, inalcançável.

Em *O amor das sombras* a técnica é justamente outra: há muito barulho, porque talvez nada esteja acontecendo de fato. E quando acontece é de certa forma o contrário do que deveria ter ocorrido, ou mesmo ocorrido antes do acesso a que temos às histórias, ações costuradas por dentro. Por isso, talvez, se fale tanto, se berre tanto. Por isso tantas assombrações são concebidas. Aqui o silêncio não é deserto; é barulheira. O primeiro conto do livro, “Noite”, já começa no meio da cena, com o diálogo que atropela os personagens, a notícia que não pede licença: “– Não acharam os corpos.” O que fazer com uma informação dessas? E agora? Não se fala de corpos sem a expectativa de algum espanto. É como se o som do WhatsApp nos acordasse em meio à madrugada, o fantasma ao lado da cama.

Na história seguinte, “Bilhar”, o recurso retorna com o anúncio de uma possível maldição já nas primeiras linhas: “– Desça a calçada, tape o nariz e não respire quando passar em frente à casa”. E assim somos guiados por personagens que não dão tempo nem para o escritor nos dizer direito onde estamos ou para onde estamos indo. Há tanto querendo acontecer, tanto desejo querendo ser concreto, ser carne, que a polifonia amortece o leitor. Há sempre algo a ser ouvido num monólogo que não acaba, que não dá trégua. Um zumbido em algum lugar bem fundo do ouvido. Talvez seja esse o livro mais complexo da carreira de Ronaldo, em que ele verticaliza ainda mais a sua relação com o cinema; um cinema que começa em tela aberta, de alta tecnologia, com cores estouradas, 3D, mas que vai se granulando, amarelando com a passagem do texto. O som está lá, mas vai falhando. Ao terminarmos *O amor das sombras*, a impressão é que o rolo de projeção foi cortado no meio do filme, seu ponto final é como aquele incômodo que sentimos na hora em que as luzes são acessas e estamos ainda num outro lugar e não ali sentados e abobalhados, como estão todos aqueles que se encontram à meia-luz de algo.

Se comentei aqui que a imagem do título “Homem atravessando pontes” exalava silêncio, os substantivos solitários que Ronaldo escolheu para batizar as histórias de *O amor das sombras* parecem

CAPA



todos ter um som peculiar – talvez “som” não seja a melhor palavra, mas “ruído” mesmo, essa aí mais suja, mais invasora – : “Bilhar” (o toque do taco nas bolas, a ideia de alguns destinos sendo cruzados e extraviados, copos se esvaziando no fundo do salão); “Helicópteros” (o tremor vindo de cima, incômodo e invasivo, chegada e partida como um só movimento para se distanciar de algo ou alguém ou o pavor de não estar sozinho numa “casa” mais pesada que o ar); “Noite” (cachorros latindo, portas se fechando, a percepção de que o fim de algo se aproxima ou de que uma situação precisa ser atravessada, a voz de Dylan Thomas pedindo “don’t go gentle into the good night” de forma incessante); “Véu” (os passos finais para um possível “sim”, algum “The End”, a marcha nupcial a invadir a nave da igreja ou um rosto que se cobre para a morte, que tanto pode ser o amor ou a decomposição de corpos insatisfeitos); “Força” (gestos de atração e repulsa ou mesmo a confissão atrapalhada do fracasso que nos chega logo nas primeiras linhas: “O que a senhora mais lamenta?” “Não conseguir desenhar nem pintar”); “Atlântico” (ondas quebrando, o vento do mar que sitia uma cidade e sua população, a sensação de naufrago numa ilha ainda sem Sexta-Feira)...

Mas antes de escutar os ruídos que perpassam esse novo trabalho de Ronaldo, havia ainda uma outra percepção que me chamava atenção na obra



“Eu precisei do desconforto do exílio para compreender-me e tornar-me um escritor”, afirma o autor radicado no Recife

dentro de um depósito já cheio com outras quin- quilharias. Caixas cobertas de poeira entulham os cômodos, as fitas de lacrar nem foram removidas”.

Diante de tantas casas e de tantas vozes que con- tinuam a ser ouvidas, ainda que seus moradores já tenham deixado o endereço há tantos e tantos anos, ainda que fechadas as portas e as chaves jogadas em algum lugar distante, decidi colher um depoimento de Ronaldo em torno das edificações, as emocionais e as de concreto. Nascido na cidade de Saboeiro, no Ceará, Ronaldo se mudou para o Recife no começo dos anos 1970, para estudar Medicina. É, de certa forma, um exilado. E talvez não exista palavra mais forte para um exilado, não importa o motivo desse exílio, que “casa”.

Seguem agora as várias casas que Ronaldo tem habitado (ou fisicamente se afastado) para escrever.

“Saí da casa dos meus pais, prometendo voltar daí a uns anos, e nunca retornei. Não foi possível voltar. Eu precisei do desconforto do exílio para compreender-me e tornar-me um escritor. Sim, o exílio existe, sobretudo como uma sensação in- terna, algo que nos corrói e nos consome.”

“Sou fortemente ligado às casas onde morei e deixei para trás. Nasci na fazenda Lajedos, Sertão dos Inhamuns, no município de Saboeiro, numa casa levantada pelo meu avô paterno. Nessa pro- priedade havia duas construções marcantes: uma barragem, com parede de blocos de pedra, verda- deiro milagre da engenharia do século 18; e uma casa alpendrada, que pertencera ao Visconde do Icó, infelizmente destruída pelos parentes. Quan- do completei cinco anos, meus pais decidiram se

mudar para o Crato, porque não havia futuro no campo e eles queriam que os filhos se tornas- sem profissionais liberais. Foi o primeiro êxodo, o abandono da paisagem sertaneja. No Crato senti- -me estrangeiro, embora eu amasse a cidade tão bonita na década de 1950, cercada pela Chapada do Araripe, nascentes d’água e floresta atlântica, bem diferente do deserto bíblico de onde eu vinha. Essa condição de imigrante, de não pertencido, se agravaria ao longo da vida, determinando minha relação com o Recife, a cidade que elegi como des- tino, mas onde continuo me sentindo estrangeiro. A obsessão por casas talvez decorra do desejo de ter um lugar próprio. Minha família chegou ao Sertão dos Inhamuns no final do século 17, havia alguns cristãos novos, gente fugindo da Inquisição. Um tio no oitavo grau assassinou a esposa e escondeu- se na residência do irmão, um edifício que continua de pé, em meio à caatinga da cidade de Aiuaba. Trata-se da Casa Grande do Umbuzeiro, que me assombra desde pequeno. Carreguei o peso desse assassinato como se eu o tivesse praticado. Nunca tive coragem de entrar na casa onde se escondeu o infeliz assassino. Ela aparece no conto ‘Faca’, do livro *Faca*; no conto ‘O que veio de longe’, do *Livro dos homens*; é reconstruída e assume a trama prin- cipal no romance *Galleia*; assombra o personagem Cirilo, em *Estive lá fora*; retorna com toda força nesse novo livro de contos, *O amor das sombras*. Qual o fascínio? Não sei responder. Sei que vez por outra uma nova obsessão me deixa maluco, aparece nos sonhos e pesadelos e só me larga quando planto seus alicerces na escrita: conto, romance ou novela. Mesmo no teatro mais alegre, como na peça *Baile do menino Deus*, a trama gira em torno de uma casa a ser encontrada e uma porta a ser aberta. Acho o tema da casa profundamente metafísico e cheio de simbolismos e mistérios. Uma canção de reisado diz: ‘essa casa é coberta com um véu’... Melhor que não se desvele, para que não cesse nunca a criação.”

“A casa é o útero onde se fecundam as famílias, as histórias, as desavenças, os ódios, as traições, as vinganças e os crimes. O lugar onde as pessoas morriam e eram veladas, antes de serem levadas aos hospitais para se esconder que elas morrem. O palco de epifanias e tragédias, o maior de todos os teatros. A foto do meu avô materno dentro do caixão em que foi enterrado ocupava a parede principal da Casa do Boqueirão, onde passei a maior parte da infância e adolescência. Quando Pedro Zacarias de Brito faleceu precocemente, minha avó Dália Nunes de Brito mandou levantar uma parede divi- dindo a casa ao meio. Um lado era habitado apenas pelas lembranças do nosso avô, suas tralhas e seu fantasma. No outro lado, existiam os vivos, seus hábitos simples de comer, falar e dormir. Eu era

do escritor: a alegoria constante da casa, que atra- vessa boa parte dos seus escritos. Do romance *Gali- leia*, em que os personagens se afastam apenas para ter a certeza de que nunca foram embora, passando pelas inúmeras habitações que cercam o novo livro. Aqui há a casa de pudores mofados de “Bilhar”, com seus cheiros de suor e de sexo, e também a casa descrita no conto “Noite”, erguida há quase 200 anos e separada do mundo por uma fileira de degraus. Uma casa de cal branca nas paredes, com seus arcos amarelos em torno das portas e janelas, com sua pintura azul nas madeiras, onde a edifica- ção inteira parece ter virado uma crosta gigante de sujeira. “De nada adianta mantê-la fechada”, avisa o narrador. As portas hoje, avisa Ronaldo, já não servem de muita coisa. Na casa já se “está”, ainda que não queiramos (outra vez) entrar. O curioso é que mesmo que saibamos disso, o livro termina com uma vã tentativa de afastamento:

“– Vai entrar?”

Pergunta o motorista.

– Não.

Respondo e prosseguimos a viagem em silêncio.”

Em “Perfeição”, a casa é monstruosa, não fantas- ma ainda, mas já zumbi, “um Frankenstein”, com- para, preciso, o narrador – “Móveis se misturam aleatoriamente, como se estivessem sido largados

CAPA



uma criança delicada e sensível a essas impressões. Quando deixamos nossa bela residência dos Inhamuns e chegamos ao Crato, penamos anos, morando em verdadeiros tugúrios até que meu pai construiu uma casa decente para a família. Esses anos sem casa deixaram impressões fortes, ainda hoje me assombam e provocam pesadelos, me ocupam quando escrevo, como se eu ainda vagasse em busca de um paradeiro, igual às almas penadas de que tanto ouvi falar na infância.”

...

(Sobre a casa do conto “Bilhar”) “Na cidade do Crato, aonde cheguei com cinco anos, havia uma casa bem próxima à igreja matriz, que fora habitada por uma família de morféticos, como chamávamos as pessoas acometidas pela hanseníase. A crônica dessa família infeliz era bastante sórdida e a cidade não perdoava seus personagens. Quando conheci a casa, ela já se encontrava fechada, coberta pelo mato e meio arruinada. Era imensa, ia de uma rua a outra. Seus antigos moradores tinham morrido, restando apenas a história de pecado, luxúria, vício, e muita fantasia em torno disso. Apesar dos anos passados, todos desciam a calçada e tapavam o nariz ao cruzar em frente à casa, com medo do contágio. Saí muito cedo do Crato, com apenas 16 anos, mas os relatos se guardaram dentro de mim. Numa visita a uma prima cratense, ela decidiu me revelar detalhes escabrosos da família morfética, que eu havia esquecido completamente. Bom, eu tinha o material para um conto ou até mesmo um romance. Atraía-me o mistério em torno da casa e a morbidez das pessoas que a habitavam. Jorge Luis Borges refere que sempre que existe um bom argumento para um conto, surge o autor e estraga tudo. Deixei-me seduzir pelos fantasmas transgressores, aqueles que viviam perigosamente e à margem. Alfredo Villar, o infeliz herói do meu relato, possui todos os defeitos e qualidades que eu aprecio. O personagem narrador, um garoto de dezoito anos, sofre uma obsessão por ele, é fortemente atraído pelo risco do contágio. Quem tiver curiosidade de conhecer os detalhes do conto, leia o livro. Criei aproximações entre Alfredo e o poeta espanhol Francisco Quevedo, bastante lido no Ceará na década de 1950, e que também possui uma biografia de excessos eróticos e morbidez. O desfecho, quando o garoto procura entrar na casa, indo ao encontro de Alfredo, é arrepiante. Exige certa coragem do leitor para seguir em frente. Aconselho que não se acovardem e prossigam.”

...

“A morte é uma tentativa vã de escapar das casas que habitamos”, diz o escritor, em paz com suas assombrações

(Sobre casas assombradas) “Não é nada parecido com o realismo mágico, a não ser o de Juan Rulfo. O que há de mais assombroso nas casas é a sensação de que elas continuam habitadas pelos antigos moradores, que ninguém se foi delas e todos continuam no seu interior. E isso não é fantasia, mas uma verdade sólida. Percorri os alicerces da casa monumental do Visconde do Icó, no Monte do Carmo, no município de Saboeiro, onde nasci. Depois fui à casa do Monte Alverne. Vi os arcos abatidos do palacete em meio ao deserto, os currais de pedra sem gado, e até encontrei uma estátua de mármore, representado a primavera, com o rosto mutilado. Era uma obra de arte abandonada, mas não tive coragem de levá-la comigo. Seus antigos donos poderiam bater à minha porta e cobrar que eu a devolvesse. Assombroso, para mim, é que todos continuem perambulando pelas casas. Por isso nunca tive coragem de entrar na Casa Grande do Umbuzeiro, onde meu tio João Bezerra do Vale se escondeu, depois de assassinar a esposa inocente. Sempre temi reencontrá-lo e temi o que pudéssemos dizer um ao outro. Nem todos aguentam a revelação dos mortos e eu não sei se aguentaria. Achei melhor deixar que o personagem Adonias conversasse com ele, no romance *Galileia*. É um encontro fantástico, semelhante ao de José com Alfredo, no conto “Bilhar”. As casas assombradas são aquelas que nos encarceram, como fez a do Umbuzeiro com tio João Bezerra do Vale. Eu vez por outra o liberto, mesmo que sempre morto. A morte é uma tentativa vã de escapar das casas que habitamos.”





Quevedo, leitor de Ronaldo

José Humberto Pinheiro

Em “Bilhar”, conto que integra o livro *O amor das sombras*, Ronaldo Correia de Brito faz seu narrador lembrar a infância e a juventude de iniciações e contatos com livros, amor, filosofia, violência, sexo, traição, lealdades e deslealdades. Uma autobiografia em que a formação está em jogo. Mas a história nos chega em tipos, inabalável numa crença em si mesma.

O rapaz-personagem-narrador de Ronaldo tem a emoção de um romântico. Poderia ser leitor de outro espanhol, este sim, um autêntico prosador de capa e espada, com heroínas entre choros e desmaios. Um romântico, inclusive com aquela história do sentimento partido. Ora “aprendemos alguma coisa nos livros, mesmo nos piores, convenci-me mais tarde”; ora “que nojo eu sinto da literatura. E supor que ela me agita, me faz parar em frente à casa amaldiçoada, bisbilhotando as frestas acessas”.

Não diferente de outras cenas com leitura, inclusive com a mistura de literatura e aprendizagem inventada pelo século 19. Por exemplo, o professor Berredo, no romance *A Normalista*, que insistia num determinado tipo de enredo para tornar útil o uso dos livros – e da fantasia. Dizia às alunas que “lessem Júlio Verne nas horas de ócio; era sempre melhor do que perder tempo com leituras sem proveito, muitas vezes impróprias de uma moça de família...”

Duzentos anos atrás, com os projetos de universalização da alfabetização e uma sistematização do ensino de letras nas escolas, o debate sobre quais leituras deveriam fazer parte do currículo escolar se tornou intenso. Em tal espaço normativo, cruzava-se pedagogia, moral e ciência. E inúmeras publicações serviram para disciplinar essa prática. Uma delas foi o Dicionário do doutor Chernoviz que pretendia ser um alerta *científico* contra as leituras de ficção. Uma espécie de manual para conter o perigo de algo visto como ameaça para a saúde física e moral e sua associação com os desvarios da paixão.

Doença, paixão, leitura, ficção, poesia eram naturalmente relacionadas, inclusive com versos e prosas que não teriam sido feitos para aquela proximidade. Talvez o homem-personagem-narrador do conto de Ronaldo possa ser lido como um leitor oitocentista, que ler poemas de um século com caprichos de outro.

Quando a Instrução Pública de uma Província ou os administradores de uma biblioteca pública no século 19 preocupavam-se com o que seria ensinado ou consultado, havia já uma apropriação, uma definição do que era e não era literatura, fazendo, nesse movimento, com que produções passadas recebessem uma nova classificação.

Falava-se de Virgílio, Ovídio, Cervantes, Camões, Dante, Quevedo nas agremiações literárias, nas escolas, nos gabinetes de leitura, nas conversas entre escritores, como ainda falamos. Mas a dicção dessas glosas era romântica – como ainda é. O século 19, sua ideia de representação e história da literatura, sua lógica linear, fez desses autores e de outros precursores da sua poética e da sua sensibilidade.

PERFIL

Entre línguas: basta soar bem aos ouvidos

O alemão Michael Kegler fala do trabalho de traduzir a atual literatura brasileira

Ricardo Viel

Nos livros que traduz, nas antologias em que figura, nos festivais de que participa, Michael Kegler é apresentado mais ou menos assim:

Nasceu na Alemanha em 1967. Passou parte da infância no Brasil, onde foi alfabetizado. Foi pupilo da agente e tradutora alemã Ray-Güde Mertin. Trabalhou na tradicional Feira do Livro de Frankfurt durante mais de uma década. Traduziu alguns dos escritores contemporâneos em língua portuguesa mais conhecidos, como Ondjaki, José Eduardo Agualusa, João Paulo Cuenca, Luiz Ruffato, Gonçalo M. Tavares e Michel Laub. Em 2014 recebeu o prestigiado Prêmio Straelen de Tradução.

Mas também é possível apresentá-lo de outra maneira:

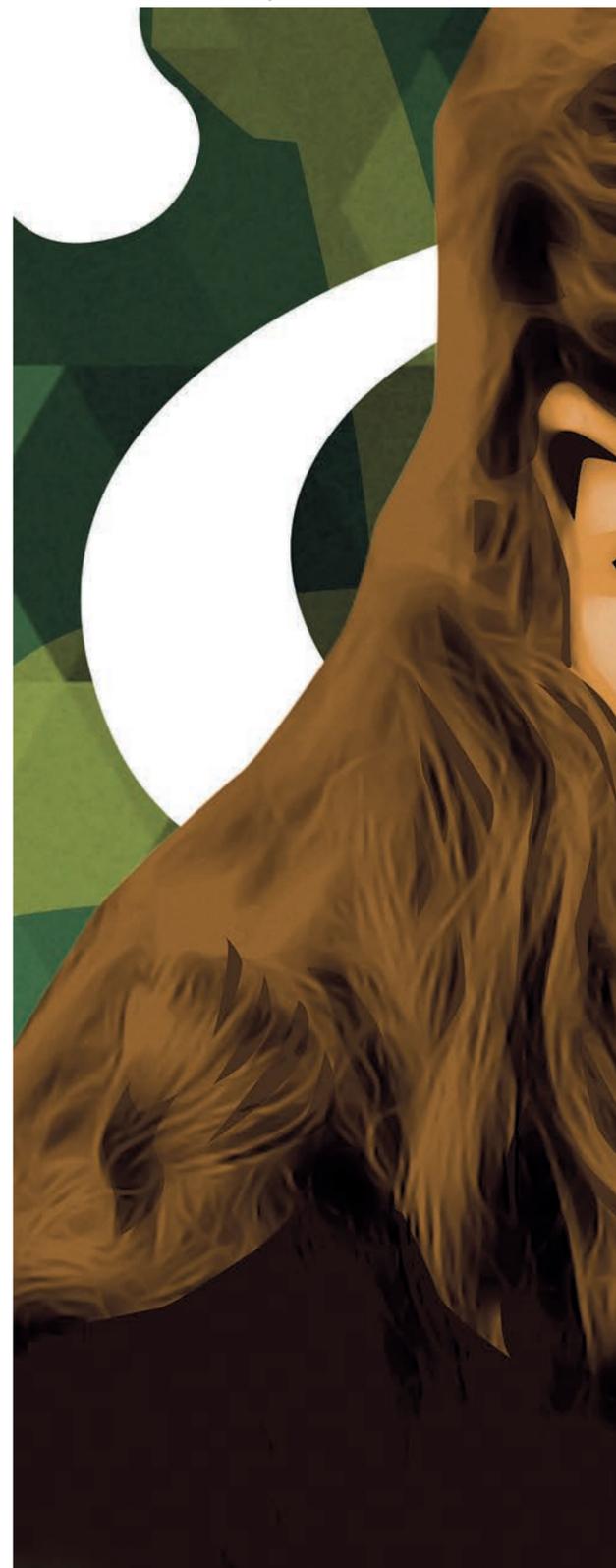
Michael Kegler nasceu na Alemanha em 1967 e ainda recém-nascido mudou-se com a família para a Libéria. Aos 4 anos uma nova mudança levou-o para Congonha do Campo, Minas Gerais. Na adolescência, na Alemanha, flertou com o Anarquismo e quis mudar o mundo. Para evitar o serviço militar trabalhou num hospital psiquiátrico. Era para ser um serviço de alguns meses. Ficou por quatro anos. Na Universidade criou sua própria grade curricular: assistia às aulas que tinha interesse (História, Inglês, Tradução, Filosofia) sem nunca fazer uma avaliação. Trabalhou na construção civil e numa livraria. É o tradutor de alguns dos principais nomes da nova literatura em língua portuguesa, mas não sabe dizer muito bem como chegou até lá, nem explicar como trabalha.

Michael Kegler fala português com sotaque de Minas Gerais. Gosta de cachaça e de conversa. O estereótipo do alemão está muito mais no seu físico – é bastante alto, tem uma cabeleira loura e os olhos claros – do que no seu caráter: não é metódico nem ordenado, é informal no trato com as pessoas e a improvisação não é algo que lhe confunda, mas o agrada. Conta que nunca fez muitos planos na vida. “Fui fazendo coisas. Trabalhava em livraria, uma tradução aqui outra ali, projetos com a Feira de Frankfurt, até desenhos para jornais eu fiz.” Na Universidade, saltou de um curso para outro sem terminar nenhum. “Essa coisa anarquista de querer uma formação, mas não querer papelada”, sorri ao dizer. “Em 1995 nasceu a minha filha, eu não estava casado ainda. Pensei: vou concluir o curso. E então percebi que não tinha comprovante de nada, tinha feito provas e nunca ia buscar os resultados. Não tenho comprovante do meu estudo universitário. Tentei recuperar isso, voltei às aulas, mas não tinha disciplina. Era muito chato conviver com alunos muito mais novos, e acabei por abandonar de vez o curso”.

Chegou à tradução quase que por acaso. Um dia viu na universidade o anúncio de um curso com uma tradutora. Lembrou-se de ter visto o nome dela (Ray-Güde Mertin, uma prestigiada professora, tradutora e agente literária já falecida) num livro que uma vez lera (*Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão) e decidiu inscrever-se. Com a ajuda da professora arrumou um trabalho como livreiro. Por conta do trabalho na livraria foi convidado para colaborar na Feira de Frankfurt. Um dia, nessa feira, foi fumar um cigarro e comentou com um conhecido, funcionário de uma editora, que estava lendo um brasileiro chamado Fernando Molica. Contou o enredo com tanto gosto que ouviu como resposta: “Não gostaria de traduzir esse romance?” Foi o primeiro livro que recebeu para traduzir – antes havia traduzido um romance de um mítico comunista português, Álvaro Cunhal, numa edição totalmente caseira, trabalho feito por ideologia e gosto. Após a tradução do Molica foi procurador por uma editora que havia adquirido os direitos de publicar o angolano José Eduardo Agualusa. A engrenagem tinha sido colocada em marcha, já não faltaria trabalho para Michael. “Se calhar é porque sei fazer isso bem, mas tive muita sorte na vida também. Sou tímido e não sei pedir trabalho, não sei vender nem negociar valor.”

O tempo foi passando, e Michael, meio que sem se dar conta, virou uma referência em sua área, modelo para os mais novos. “Isso de ser uma referência assusta, até porque não sei explicar como faço, eu sei fazer. Às vezes me sinto um pouco inferior a esse pessoal que vem do universo acadêmico, que sabe explicar o que está fazendo. Não tenho muita teoria. Apesar de ter estudado muito eu não posso explicar gramática, não posso explicar porque é que faço tal coisa. É muito intuitivo. A tradução tem que soar bem aos ouvidos, como diz o Chico Science. Basta soar bem aos ouvidos, não é isso? Para mim é assim que funciona.” Há, sim,

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



um princípio do qual não abre mão: o da fidelidade. “Trabalho muito de maneira intuitiva, mas faço também questão de não ser o autor do texto. Pretendo ser rigorosamente fiel ao autor, por respeito ao trabalho dele. O leitor comum é dono do texto, pode fazer com ele o que quiser. Eu não posso fazer nenhuma leitura deliberada, mas sim tentar chegar perto daquilo que o autor queria que o texto fosse.”

Sem muita teoria e sem muito plano, as traduções foram aparecendo, vieram prêmios, convites, propostas e pedidos. “No Brasil eu criei uma fama. É estranho. A gente nunca sabe se está realizado. Isso de tradutor conceituado é difícil e traiçoeira. É perigoso, a gente começa a ter fama, se achar o melhor, e de repente te recusam uma tradução. Tenho a sensação de que a qualquer momento a festa pode acabar. Um dia alguém pega uma tradução minha, destrói, e fim.” A profecia parece distante. No ano passado Kegler foi condecorado com o Prêmio Straelen de Tradução, por *Eles eram muitos cavalos (Es waren viele Pferde)*, livro de Luiz Ruffato. O galardão foi dividido com Marianne Gareis, pela tradução de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Foi a primeira vez que o badalado prêmio foi entregue a uma tradução do português.

O BRASIL EM FRANKFURT

Em 2013, o Brasil foi o país convidado da Feira do Livro de Frankfurt. Responsável por organizar diversas atividades no evento, Michael Kegler aproximou-se ainda mais de escritores brasileiros e das instituições do país. Também, um pouco que sem querer, ajudou a mudar algumas políticas relacionadas ao apoio



à tradução. “Em 1994 fiquei meio chateado com a participação do Brasil em Frankfurt [naquele ano também foi o país convidado], porque foi aquele oba-oba e depois acabou, não ficou nada. Fiquei muito frustrado. Fiz o requerimento, à época, para traduzir um livro e não obtive nem resposta. Nos preparativos para 2013 coloquei isso tudo na mesa. Disse que o programa de apoio à tradução não funcionava, que o formulário tinha 36 páginas e o de Portugal tinha duas; que portugueses cumpriam prazos e pagavam, e davam resposta, e que era assim que se fazia. Fui bastante indelicado, mas teve alguém na reunião que escutou e passou aquilo que eu disse diretamente para o Ministério da Cultura. E a coisa evoluiu”, explica. “Agora o programa de apoio à tradução funciona. Funciona porque as pessoas que estão atrás são excelentes. Sabem dos problemas que um tradutor enfrenta, já não é tão burocrático. Muitos livros foram traduzidos nos últimos anos graças a isso.”

Também naquela edição da Feira, Kegler foi testemunha do inflamado e crítico discurso proferido por Luiz Ruffato na abertura. “Nós já nos conhecíamos, eu já havia traduzido um livro dele e fiquei sabendo antes o teor porque ele me enviou o texto perguntando o que eu achava. E depois o traduzi para o material de imprensa. Estávamos todos muito nervosos, porque sabíamos que era um discurso duro, mas ninguém contava com as reações que vieram. Pessoal aplaudindo de pé, todo mundo querendo falar com ele, e, também e infelizmente, as hostilidades, que nos preocuparam muito. Mas houve muita solidariedade, por parte dos alemães inclusive.”

“Eu não posso fazer nenhuma leitura deliberada, mas sim tentar chegar perto daquilo que o autor queria que o texto fosse.”

O discurso foi um divisor de águas na vida do escritor mineiro e aproximou-os mais. Em 2014 o amigo Luiz Ruffato visitou a pequena Hofheim, vila onde a família Kegler vive, e viu como o tradutor alemão tornou-se famoso de um dia para o outro. Apareceu na televisão com seu ar de hippie, jogando futebol com o brasileiro, e deu entrevista para o jornal local. “As velhinhas da minha vila vieram falar comigo, com o jornal na mão, e queriam que eu assinasse. Ficaram contentes, porque achavam que eu não trabalhava, não me viam sair de manhã como os outros vizinhos. Estavam aliviadas e

orgulhosas, porque em cima descobriram que sou tradutor literário. Sou quem menos ganha ali naquela vila, mas eles acham que isso é uma grande coisa”, diverte-se. Michael sempre pensou que a tradução poderia ser algo transitório, mas com o tempo vem mudando de opinião. “Isso de ter uma profissão ‘de verdade’ ficou complicado. Sempre pensei que se a coisa não corresse bem voltaria a trabalhar na construção civil. Agora que fiz 48 anos pensei: já não me aceitam. Se for pedir emprego numa fábrica de automóveis não me admitem. Não tenho saída, vou continuar com a tradução”, diz e sorri com gosto.

Entre os escritores brasileiros que já traduziu, além do amigo Luiz Ruffato, demonstra uma queda especial por Eliane Brum. “Eu traduzi um conto dela e queria traduzir mais coisas. Gosto muito do que ela escreve, acho que ela tem um olhar diferente, muito para as margens, independente do assunto que aborde. Acho muito interessante.”

Com um pouco de sorte, mas sobretudo com talento e uma maneira de trabalhar muito generosa, Michael Kegler vai se consolidando como um dos principais tradutores alemães – essa escola tão respeitada no mundo editorial. Um tradutor com algumas características próprias, como colocar o coração diante do bolso na hora de escolher os projetos. “Até agora só tenho traduzido quem eu gosto. Não sei se vai ser sempre assim. Acho que gostar do livro é um passo importante para que a tradução fique boa. O livro que você traduz vira também um pouco seu. Ele me acompanha, cada palavra daquele livro também é minha palavra.”

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente
+
Suplemento Pernambuco
0800 081 1201
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE
Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



ALGUÉM VIU MINHA MÃE?
Pedro Henrique Barros

Uma menina e uma joaninha vivem o mesmo dilema: uma série de mal entendidos faz com que se sintam abandonadas pela mãe até que os problemas se resolvem e elas compreendem que são muito amadas.

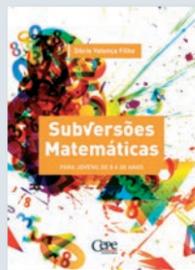
R\$ 20,00



ERA UMA VEZ...
Gabriela Kopinitz dos Santos

A personagem Cigana Contadora de Histórias, criada pela jornalista Gabriela Kopinitz, que costuma ser levado à escolas para sessões de contação, transforma-se em protagonista e narra várias de suas historinhas nesse livro, que promete encantar as crianças.

R\$ 40,00



SUBVERSÕES MATEMÁTICAS - PARA JOVENS DE 8 A 80 ANOS
Décio Valença Filho

Jogos, quebra-cabeças e brincadeiras que utilizam o raciocínio lógico compõem o livro de Décio Valença, engenheiro que se intitula "matemático amador" por ser um apaixonado desta ciência. Inclui historietas atribuídas a gênios da matemática, e decifra os problemas mais difíceis.

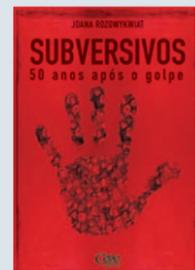
R\$ 40,00



O CORPO E A EXPRESSÃO TEATRAL
Georges Stobbaerts

O livro nasceu das experiências do autor, que aliou a prática de Judô, Kendo, Iaido e Aikido, as filosofias Zen e Yoga e a formação de atores, resultando numa articulação entre a arte e o movimento, da qual nasceu o projeto Tenchi Tessen, que se baseia em reflexão, meditação e ação.

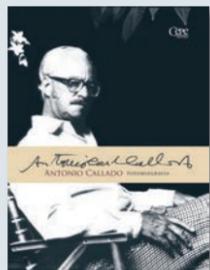
R\$ 25,00



SUBVERSIVOS: 50 ANOS APÓS O GOLPE MILITAR
Joana Rozowykiwat

Alguns dos "subversivos" que atuaram em Pernambuco após o golpe militar de 31 de março de 1964, entre os quais Luciano Siqueira e Humberto Costa, abrem o coração, revelando como se sentem em relação ao passado e o que esperam para o futuro do Brasil. O livro nasceu da tese de pós-graduação em Jornalismo Político da autora.

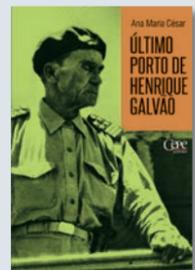
R\$ 25,00



ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA
Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

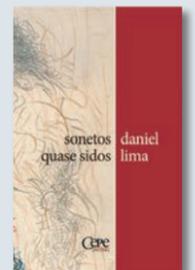
R\$ 90,00



ÚLTIMO PORTO DE HENRIQUE GALVÃO
Ana Maria César

Minuciosa pesquisa sobre o ambiente que cercava o capitão Henrique Galvão, comandante do navio português Santa Maria, que atracou no Recife em 2 de fevereiro de 1961, com 871 pessoas a bordo. Galvão apoderou-se do navio em protesto contra a ditadura salazarista, e recebeu asilo político concedido pelo recém empossado presidente brasileiro Jânio Quadros.

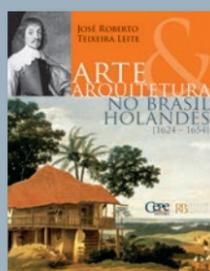
R\$ 45,00



POEMAS 2
Daniel Lima

Poemas 2 reúne as obras inéditas Cancioneiro do Entortado e Dernantonte, que aproximam uma expressão popular nordestina e uma brincadeira ou canção antiga, num jogo de palavras que revela o apelo à afirmação de alguém que encontra na poesia o meio de, mergulhando em seu íntimo, entregar ao leitor o que descobriu nas profundezas de si próprio.

R\$ 40,00

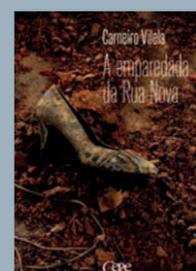


ARTE & ARQUITETURA NO BRASIL HOLANDÊS (1624-1654)

José Roberto Teixeira Leite

Resultado de 50 anos dedicados ao estudo contínuo das artes e arquitetura no período da dominação holandesa no Brasil, o livro de José Roberto Teixeira Leite, *Arte e Arquitetura no Brasil Holandês (1624-1654)*, se debruça especialmente sobre a Arquitetura, o Urbanismo, a Jardínica e a Cartografia, sem esquecer da Literatura, do Teatro, da Música e das artes decorativas.

R\$ 60,00



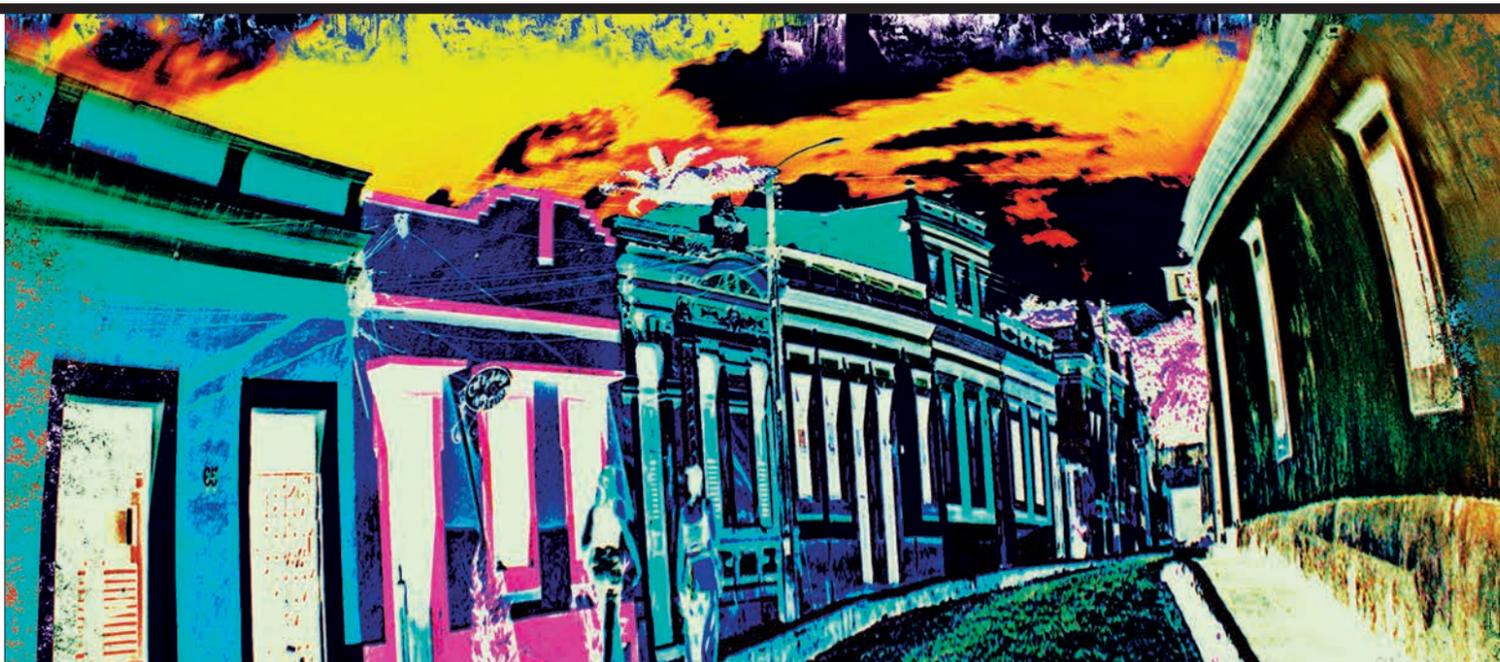
A EMPAREDADA DA RUA NOVA

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, "em defesa da honra da família"? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br



ARTE SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

A rumba epiléptica

Os peitos de Gertrude eram fendidos por estrias. Aos trinta anos, podia ter quarenta; três filhos, um de cada vez, prostraram-lhe as mamas, mesmo com os bicos em riste. No ônibus, em qualquer lugar, punha o mamilo na boca do filho; punha com graça, incitando moças e velhas sem filhos. O amante, também vindo de núpcia gorada, não a emprenhara. Agora, julgava-a vencida. No começo, amaram-se garimpando cada penugem do corpo. O sulco abaixo das costas de Gertrude, dividia com justiça suas nádegas. Ele o via murchar, obedecendo à exaustão dos seios. Montava-a no escuro para não ter que olhar suas mamas piongas. Queria falar, acanhava-se, fingia dormência, deprimia-se.

Na rua salpicada de bordejos fluorescentes, a rala procissão de notívagos seguia para a bilheteria. Maújo foi o primeiro a descer do táxi; dobrou com adulação o banco para Chica descer. Gertrude achou-o remelento, riu sem esconder o riso. Andavam, sentavam distantes um do outro; apostavam nos resíduos de desejos que os uniam.

O Estrela, no sábado, era um borrifo de sêmens. A orquestra estrilou a rumba, infundindo gozo na crença de que logo a República seria livre. Maújo chamou Chica para dançar, dançar como velhos rumbeiros. Chica, pernas e coxas bastas, cintura móvel, a corola fechada; seios duros no ritmo da rumba epiléptica, rosto suado e cabelos incivis. Maújo cegou sob os raios das luzes. A orquestra emendou a rumba com um frevo. Seus olhos, duros, chisparam-na. Puxou-a pela cintura, beijou-a demoradamente.

O ar corruto incitava o desvario.

Xisto preferia ser proscrito a ter que frequentar festas de família. Convidara Chica, inquietou-se com a ausência dela. Crescera entre os dois uma relação apropriada a desagrvos. Mais dia, menos dias, ela se sentiria dependente, entregar-se-ia. Caetano, seduzira-o a combinação impossível entre a compleição miúda de Gertrude e sua inteligência ligeira.

– Aquela mulher tem o diabo no corpo – dissera a Xisto.

Por agora, entretinha-o com o fogo das palavras movidas pelo raciocínio veloz; chamuscava-o. Ele se dava o prazer da imolação. Inda que suspeitasse, ela não se punha rédeas; comprazia-se na porção dos miúdos e incisivos sons de suas palavras. Caetano mexia-se de um lado e de outro. Ela não se dava conta. Isso o deixava furioso.

Último acorde da orquestra. Luzes brancas. A psicodelia dos refletores dá lugar ao negrume da cal borrada nas paredes. O piso, antes oculto, mostra uma poeira incolor cujo bafo se mistura à oxidação dos cigarros. A luz é baça, doentia. Os rostos não têm o viço da gênese.

Os cinco descem a ladeira. Não estão cansados. Xisto abaixa os braços, deprimido; oculta-se na imprecisão das luzes dos postes. Gertrude, ligeira, ao lado de Maújo:

– Não precisa me dizer nada, Maújo. Faça o que tem vontade. Tome seu anel de volta.

– Quero me despedir de você.

– Você já deu adeus, lá do meio do salão.

– Quero lhe dizer o quanto lhe sou grato. Não quero que pense que sou irresponsável.

– Não quero julgá-lo agora. Tenho medo de perder a calma; é o mais provável.

– Tem o direito de pensar o que quiser de mim. Digo isso embora com receio da repercussão de suas palavras em meu peito. Por isso, me dê a chance de dizer o quanto você foi importante para mim.

– Tá bem... Na frente de todo mundo. *Une petite réunion!*

Deus do céu! Ela tem mesmo o diabo no corpo...

Gertrude se confessara ao primeiro marido com um discurso rápido, com vistas à ruptura da incômoda virgindade. De modo igual confessara seu amor a Maújo, na frente de um e de outro, com vistas à celebração. Odiava enfeites no raciocínio. O marido, sem esperar, fez votos de fortuna ao novo consórcio e foi curar-se do revés sozinho. Maújo falou com as mãos, bebeu com engasgos. Amaram-se como dois alforriados na mesma noite. Gertrude comemorou o resultado de sua logística fria.

A familiaridade começara na segunda ou terceira entrevista. No pátio de um hospital administrado por freiras, freiras novas, de intrigante virgindade.

– Tenho pena de vê-las com o hábito...

– Por quê?

– Deviam amar de outro modo.

Gertrude riu um riso miúdo.

Reencontraram-se cinco anos depois, ambos com o casamento em crise.

– Você era a freira que me impressionava.

– Não quis dizer nada. Eu estava bem com o meu marido.

– Se você fosse freira, seria capaz de jogar o hábito fora.

Ela riu o mesmo riso de há cinco anos. Esperou para dizer ao marido que o casamento morrera. Dormiriam em quartos separados. Tinha novo parrelho e instinto muito para ser só de um.

Maújo amou-a até descobrir-lhe a carne murchar. Queria separar-se para se ver livre de remorsos. A moção de reunião, à queima-roupa, inquietou-o. Gertrude era persuasivamente invulgar.

Vulgar era o uso de fichas de radiola com duas fendas de um lado e de outro; a cor de chumbo sujo por dedos suarentos, de nicotina. Ele trouxera fichas juntadas nas folganças com Gertrude. Quando brigavam, era o único butim, indício de perdas, que estendia no criado-mudo. Tilintando, reavivaram os acordes do bolero, trilha sonora da despedida. Trouxera-as com o propósito de outras vezes: usar o que restara intacto do desarrumo com Gertrude. No Estrela, o maestro orquestrara sua opereta com Chica. Interpretara, ele, com realismo; desceu do palco. Agora, longe da primeira coadjuvante, usaria as fichas para o deleite da dama substituta. Mostrou-as. Ela viu em cada uma a marca dos costumes noturnos de Maújo; riu. Entreviu uma sequência de delírios. Maújo enfiou uma na greta da radiola, lembrando as estrias nos peitos de Gertrude.

A madrugada tem saís. A manhã a espreita e ela cede o lugar por renúncia. A radiola, imitando-a, soou notas derradeiras, de rogo.

Trecho do livro *Conspirações em Guadalupe*, de Marco Albertim, que será lançado em agosto pela Cepe.

INÉDITOS

Marcel Proust



Uma avó

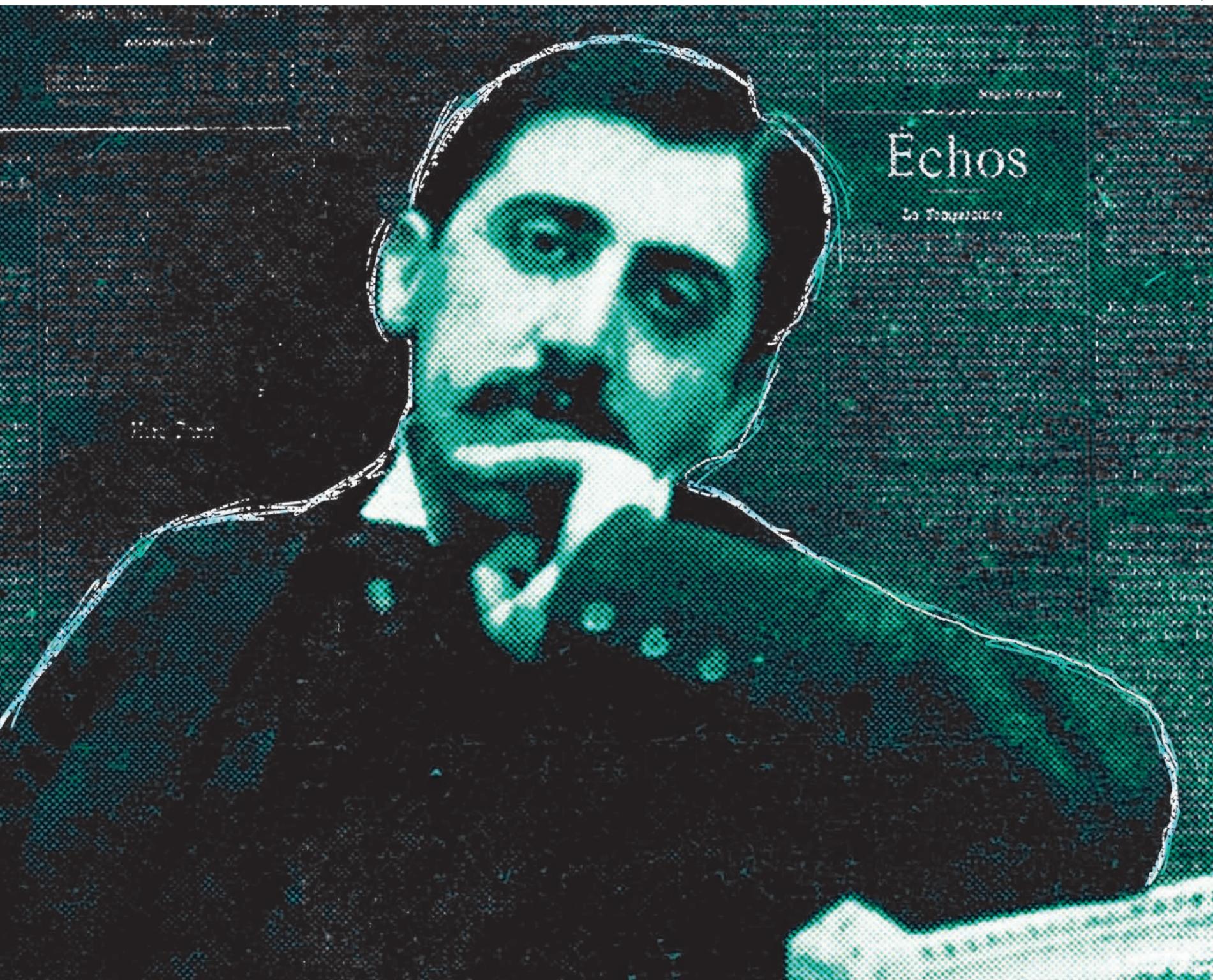
Le Figaro
23 de julho de 1907

Existem pessoas que vivem, por assim dizer, sem ter forças, como existem pessoas que cantam sem ter voz. São as mais interessantes; elas substituíram a matéria que lhes falta pela inteligência e o sentimento. A avó do nosso caro colaborador e amigo Robert de Flers, senhora de Rozière, que sepultamos hoje no burgo de Malzieu, era só inteligência e sentimento. Consumida pela perpétua inquietude que é um grande amor que dura toda a vida (seu amor pelo neto), é de se perguntar como ela conseguiu manter sua saúde! Mas ela tinha essa saúde particular dos seres superiores que não a têm e que chamamos vitalidade. Tão frágil, tão leve, superava sempre os mais terríveis saltos da doença e, no momento em que a acreditávamos arrasada, a avistávamos rápida, sempre no topo, seguindo de perto o barco que levava seu neto à celebridade e à felicidade, não para que algo disso respingasse sobre ela, mas para ver se não faltaria nada, se não teria ainda um pouco de necessidade daqueles cuidados de avó, o que no fundo ela bem esperava. É preciso que a morte seja realmente muito forte para ter sido capaz de separá-los!

Eu que vi suas lágrimas de avó – suas lágrimas de menina – toda vez que Robert de Flers fazia apenas uma viagem, não era sem me preocupar com ela que eu pensava que um dia Robert se casaria. Ela dizia frequentemente que tinha vontade de casá-lo, mas acredito que dizia isso sobretudo para se acostumar. No fundo, tinha ainda mais medo dessa eventualidade fatal do casamento do que tinha receado sua entrada no colégio e sua partida para o exército. E somente Deus sabe – pois

somos corajosos quando somos ternos – o quanto ela havia sofrido nesses dois momentos! Di-lo-ei? Sua ternura pelo neto não me pareceria ser, quando Robert se casasse, uma fonte de tristeza somente para ela: eu pensava naquela que se tornaria sua neta... Uma ternura tão ciumenta nem sempre é doce para aqueles com quem ela tem de dividir... A mulher com quem Robert de Flers se casou realizou com uma simplicidade divina o milagre de fazer desse casamento tão temido uma era de felicidade perfeita para a senhora de Rozière, para ela própria e para Robert de Flers. Os três não se largaram nem discutiram um único dia. A senhora de Rozière dizia expressamente que por discrição não continuaria a morar com eles e iria viver sozinha, mas não acredito que nem ela, nem Robert, nem ninguém jamais pôde seriamente considerar isso possível. Foi somente em um caixão que pudemos levá-la de lá.

Uma outra coisa me pareceria que não deveria transcorrer sem grandes dificuldades, mas que, graças ao espírito e ao coração delicioso de Gaston de Caillavet e de sua mulher, passou-se o mais simples e o mais alegremente do mundo. A partir de certo momento, Robert teve um colaborador. Um colaborador! Mas realmente que necessidade teria ele de ter um colaborador, ele, seu neto, ele, que tinha mais talento que todos os escritores que já tinham aparecido sobre a terra? De resto, isso não tinha importância; era certo que nas obras escritas em colaboração tudo que fosse bom seria de Robert e, se por acaso, alguma coisa não fosse tão boa, seria do outro, do audacioso... Muito bem! Nada foi “menos bem” e, no entanto, ela declarou que não era tudo de Robert. Eu não chegaria a dizer que nos triunfos incessantes que marcaram essa colaboração ela pensasse que toda a glória devesse



retornar para Caillavet, mas ele teria sido o primeiro a não tolerar isso. E, no harmonioso êxito, ela conciliou os talentos diferentes que sabiam admiravelmente se unir. É que ela era antes de tudo maravilhosamente inteligente e é isso o que ainda torna uma pessoa mais justa. É sem dúvida por isso que a inteligência, que é uma fonte tão grande de males, nos aparece apesar de tudo como tão generosa e tão nobre: é que nós sentimos que somente ela sabe honrar e servir à Justiça. “São dois poderosos deuses.”

Ela não saía mais de seu leito ou de seu quarto do que Joubert, Descartes, ou ainda outras pessoas que acreditam ser necessário à saúde ficar deitadas, sem ter para isso a delicadeza de espírito de um nem o poder de espírito do outro. Não é para a senhora de Rozière que digo isso. Chateaubriand dizia que Joubert ficava constantemente deitado com os olhos fechados, mas que nunca esteve tão agitado e não se cansou tanto como nesses momentos. Pela mesma razão, Pascal jamais conseguiu, nesse ponto, seguir os conselhos que lhe deu Descartes. É assim com muitos dos doentes a quem recomendamos o silêncio, mas – assim como a juventude do neto da senhora de Sévigné –, seu pensamento “lhes faz barulho”. Ela se preocupava tanto em se tratar que talvez fizesse melhor de tomar simplesmente o partido tão complicado de ter boa saúde. Mas isso estava acima de suas forças. Nos últimos anos seus olhos encantadores, que tinham cor de jacinto, refletindo cada vez mais o que se passava nela, cessaram de lhe mostrar o que se passava em volta: tornara-se quase cega. Ao menos ela o assegurava. Mas eu bem sabia que, se Robert estivesse apenas um pouco abatido, ela era sempre a primeira a perceber! E, como não precisava ver nada além

dele, ficava feliz. Nunca amou nada, para usar a expressão de Malebranche, além dele. Era seu deus.

Sempre foi indulgente com seus amigos, e também severa, pois nunca os achava dignos dele. Com ninguém ela foi mais indulgente do que comigo. Tinha um jeito de me dizer: “Robert te ama como um irmão”, que significava ao mesmo tempo: “Não faria mal em procurar merecê-lo”, e “você o merece, apesar de tudo, um pouquinho”. Levava a cegueira no que me dizia respeito até encontrar um talento em mim. Ela se dizia, sem dúvida, que qualquer um que tivesse convivido tanto com seu neto não poderia deixar de tomar um pouco do dele.

Amizades tão perfeitas como a que unia Robert de Flers à sua avó não deveriam jamais acabar. Como! Dois seres tão inteiramente complementares que não existia nada em um que não achasse no outro sua razão de ser, sua meta, sua satisfação, sua explicação, seu terno comentário, dois seres que pareciam a tradução um do outro, ainda que cada um deles fosse um original; esses dois seres não poderiam senão se encontrar, um instante, por acaso, no infinito dos tempos, onde não seriam mais nada um para o outro, nada de mais particular entre eles do que há entre milhares de outros seres? Seria realmente necessário pensar assim? Todas as letras desse livro espiritual e ardente que era a senhora de Rozière subitamente tornaram-se caracteres que não significam mais nada, que não formam mais nenhuma palavra? Aqueles que, como eu, tomaram demasiadamente cedo o hábito de gostar de ler nos livros e nos corações jamais poderão acreditar completamente nisso...

Tenho certeza de que desde muito tempo Robert e ela, sem nunca dizê-lo, deviam pensar no dia em que se separariam. Tenho certeza também de

que ela gostaria que ele não sofresse... Essa será a primeira satisfação que ele lhe terá negado...

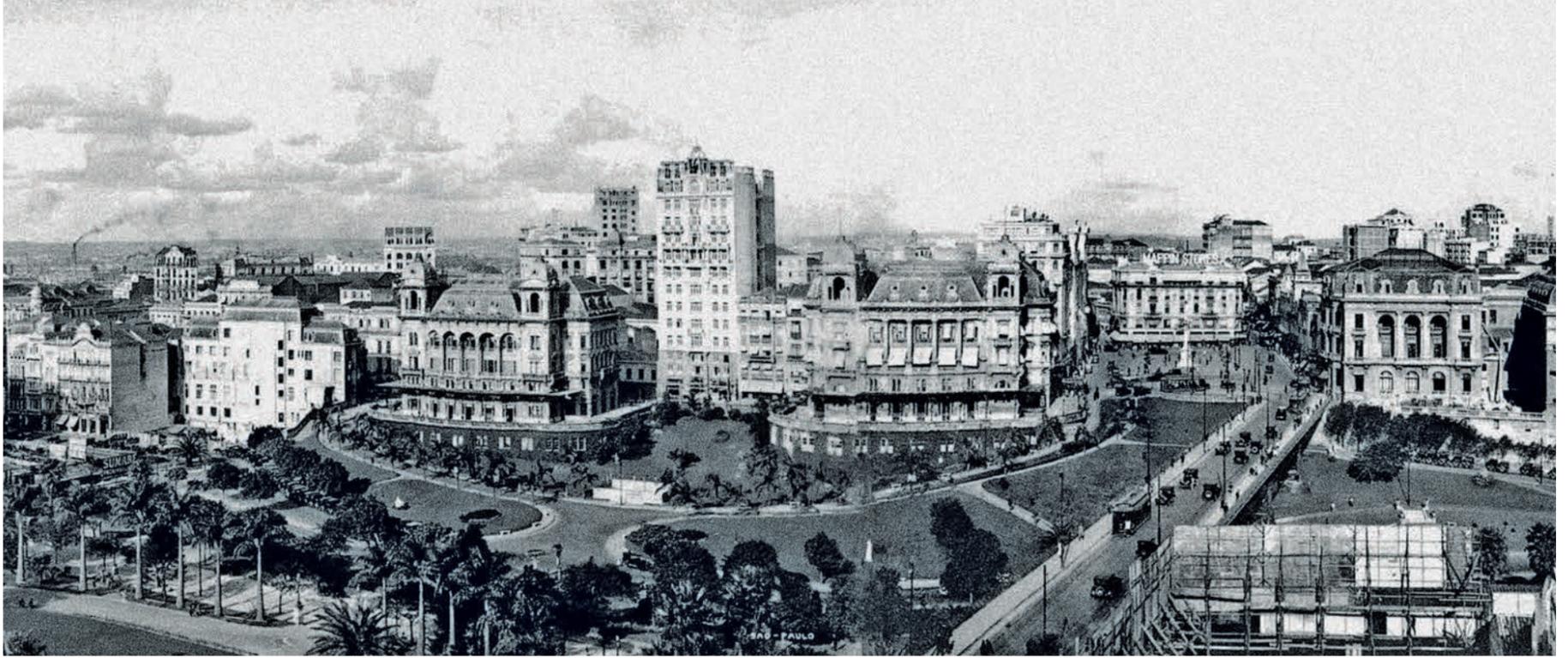
Desejei lhe dizer, em nome dos amigos de Robert de Flers – esses jovens amigos dela –, o que não pude chamar um último adeus, pois sinto que lhe diria muitos outros, e depois, para falar exatamente, não dizemos jamais verdadeiramente adeus aos seres que amamos, porque jamais os deixamos completamente.

Nada dura, nem mesmo a morte! A senhora de Rozière mal está enterrada e já recomeça a se dirigir tão vivamente a mim que não posso me impedir de falar dela. Se pensam que eu o fiz por momentos com um sorriso, não acreditem que por isso tenha tido menos vontade de chorar. Ninguém teria me compreendido melhor que Robert. Ele teria feito como eu. Ele sabe que os seres que mais amamos, jamais pensamos neles, no momento em que mais choramos, sem lhes dirigir apaixonadamente o mais terno sorriso do qual somos capazes. Será para tentar enganá-los, acalmá-los, dizer-lhes que podem ficar tranquilos, que teremos coragem para fazê-los acreditar que não estamos infelizes? Ou será que esse sorriso não é nada mais que a própria forma do interminável beijo que lhes damos no Invisível?

Esse texto está no livro *Proust - Salões de Paris* (tradução de Caroline Fretin de Freitas e Celina Olga de Souza), lançamento da editora Carambaia, que acaba de chegar ao mercado com a proposta de publicar ora textos que nunca foram traduzidos no Brasil, ora republicar edições clássicas esgotadas. *Salões de Paris* traz uma seleção de 21 crônicas escritas por um ainda jovem Proust, publicadas na imprensa francesa, principalmente no jornal *Le Figaro*, mas também em outros periódicos. O livro é um dos lançamentos de julho da Carambaia.

RESENHAS

REPRODUÇÃO



As pessoas por trás das represas do ser paulistano

Extenso trabalho de pesquisa de Roberto Pompeu de Toledo desfaz e refaz uma megalópole

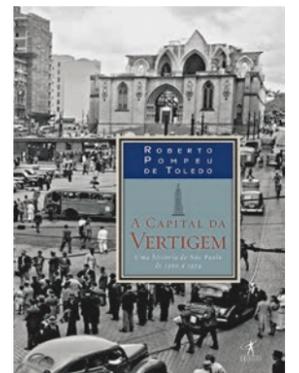
Carol Almeida

No momento em que este texto é divulgado, a Avenida Paulista, cartão-postal da cidade de São Paulo e corredor da Marcha Imperial na memória coletiva do progresso brasileiro, recebe uma obra emblemática que simultaneamente opera na ideia de construção e desconstrução da cidade. Construção de uma obra viária simples e desconstrução de uma lógica carrocrata complexa, enleada à própria noção de identidade paulistana. A ciclovia que agora corta a famosa avenida projeta uma cidade que precisa repensar a glória do desenvolvimento a qualquer custo. A princípio, nada disso diz respeito ao livro resenhado aqui. O próprio autor tenta amenizar os liames entre a São Paulo que ele trata em seu trabalho (a cidade que acontece entre os anos de 1900 e 1954, durante a chegada em massa de imigrantes estrangeiros e antes da dos nordestinos)

e a São Paulo das amadas/odiadas ciclofaixas de hoje. Mas tudo na pesquisa de Roberto Pompeu de Toledo aponta para as inevitáveis associações entre a vertigem da São Paulo atual do formigueiro humano subindo e descendo as infinitas escadas rolantes da estação Pinheiros e a vertigem da São Paulo dos anos 20, abismada com a sólida sustentação do edifício Martinelli, o prédio “Monstro de Aço” que subia à medida que seu proprietário, o empresário Giuseppe Martinelli, desafiava a engenharia em nome de sua vaidade. A partir de personagens como esse, quase sempre uma elite que se projeta a partir de arquivo público e livros históricos, o jornalista cria um atraente texto-novela a tecer a história dos indivíduos a partir das alterações paisagísticas e morais da cidade. Consegue quase sempre conectar essas pessoas numa grande narrativa dos urbanoídes

que contaminam e são contaminados pela simpática predisposição exibicionista da cidade. Dos elementos que abrem e fecham o livro para apontar características medulares de São Paulo, o mais elementar é, claro, o trânsito, cujo primeiro registro oficial se dá no dia 12 de setembro de 1911, quando, na inauguração do Theatro Municipal, 118 automóveis e 122 “carros de praça e de cocheiras particulares” pararam a região do Vale do Anhangabaú. A ideia de um local que será travado, na terra e na água, por represas humanas, é a mais forte impressão de *A capital da vertigem*. Por ser um documento que busca sua narrativa em outros documentos, o livro termina por reproduzir a versão dos “vencedores”, de pessoas que, como o próprio Martinelli, invocam a falsa ideia de que a meritocracia do homem trabalhador tudo vence. E mesmo não se tratando de um

trabalho que propõe uma análise sobre costumes e valores, a escolha de seus personagens não deixa de refletir a contemplação de uma São Paulo *non ducor duco*, que ainda reclama para si o protagonismo na condução da engrenagem brasileira. Esse livro desfaz e refaz esse espírito paulistano. Um texto, enfim, mais contemporâneo que passadista.



NÃO-FICÇÃO

A capital da vertigem
Autor - Roberto Pompeu de Toledo
Editora - Objetiva
Páginas - 584
Preço - R\$ 59,90

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

LITERATURA NO FIG

Escritora Luzilá Gonçalves Ferreira, homenageada de 2015, tem mais de 30 livros publicados

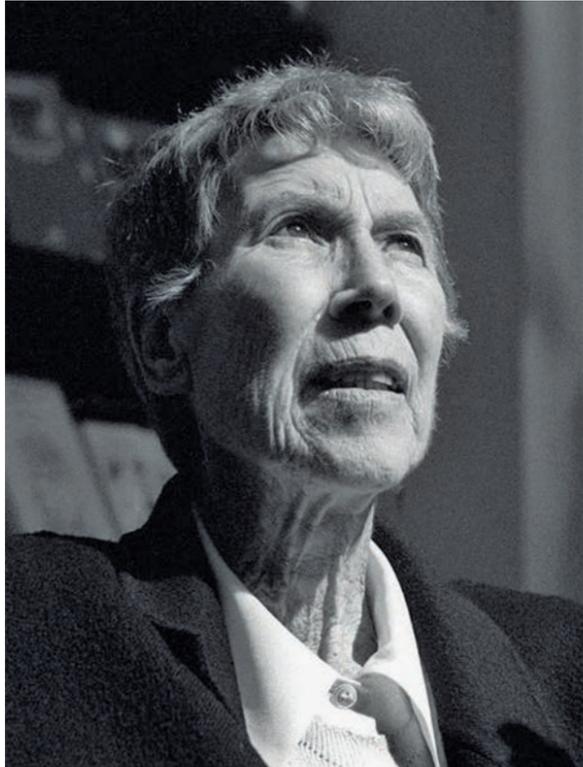
A literatura ganha destaque no Festival de Inverno de Garanhuns, com a homenagem à escritora Luzilá Gonçalves Ferreira (foto), que tem mais de 30 livros publicados, alguns dos quais pela Cepe Editora. Nascida em Garanhuns, Luzilá é doutora em Estudos Literários pela Universidade de Paris VII, professora no Departamento de Letras da UFPE, pesquisadora, ex-presidente do Instituto

Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, e assina a coluna “Letras às terças”, no *Diário de Pernambuco*. Publicou contos, romances, ensaios e biografias. Seus romances *Muito além do corpo*, *A garça mal ferida* e *Os rios turvos* receberam respectivamente o Prêmio Cidade do Recife, Prêmio Nestlé e o Prêmio de Biografia da Academia Brasileira de Letras.

DIVULGAÇÃO



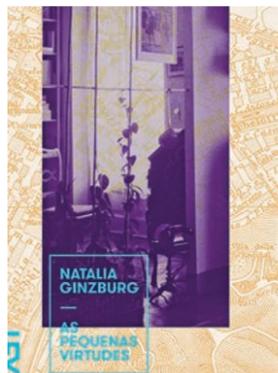
REPRODUÇÃO



A vida minúscula pesa

Existe o mundo lá fora caindo aos pedaços – a Segunda Guerra, seus destroços, o que não pode ser limpo e reconstruído –, há perda de um grande amigo, Cesare Pavese, há o gosto estranho dos ingleses pela comida, mas há sobretudo uma história interna, inconfessável, o relato de sonhos que ficam desbotados e de lembranças nessas 3 x 4 da escritora italiana Natalia Ginzburg. Um livro sobre a vida que muitas vezes é minúscula, mas que se impõe. Num depoimento, a autora escreveu que considerava que não conseguia escrever ensaios ou críticas. No entanto, o texto límpido desses escritos fez dele um dos principais títulos da sua carreira, sempre marcada pelo esmiuçamento das relações familiares, pela filosofia e pelo espólio emocional da Segunda Guerra. Curiosa, no entanto, é a dedicatória do livro, jamais revelada pela autora: “Dedico o livro a um amigo meu, cujo nome não

vou revelar. Ele não está presente em nenhum destes escritos e, no entanto, foi meu interlocutor secreto em grande parte deles. Eu não teria escrito muitos destes ensaios caso não tivesse conversado várias vezes com ele, que deu legitimidade e liberdade de expressão a certas coisas que eu tinha pensado”. (S.C.)



FICÇÃO

As pequenas virtudes
Autora - Natalia Ginzburg
Editora - Cosac Naify
Páginas - 160
Preço - R\$ 32,90

REPRODUÇÃO



Marlowe (re)nasce

Os personagens de Raymond Chandler vivem todos à meia-luz. Por isso, para conseguir vê-los, precisamos entender que nunca os veremos inteiros e que tudo aquilo que está na sombra é sempre o naco mais generoso da literatura desse autor. A reedição de seu primeiro romance policial, no qual também se introduz o esquivo detetive Philip Marlowe, nos faz lembrar de como uma boa descrição dos gestos mais banais pode transformar texto em literatura e de como esta depende, essencialmente, da luz e sombra que cada palavra projeta na outra. Na trama que fez nascer o personagem mais importante de Chandler, o “santo armado com um 38”, como diria o jornalista Ruy Castro, o escritor americano fala de um

milionário chantageado, de um detetive inescrupuloso e de uns EUA falidos em todas as suas instituições. Quanto às mulheres da narrativa, é somente uma pena ver que os desenhos bidimensionais da *femme fatale*/dissimulada/louca ainda imperem várias gerações pós-Chandler. (C.A.)



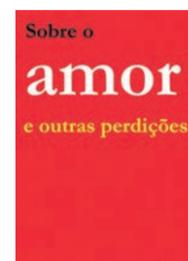
FICÇÃO

O sono eterno
Autor - Raymond Chandler
Editora - Alfaguara
Páginas - 256
Preço - R\$ 34,90

PRATELEIRA

SOBRE O AMOR E OUTRAS PERDIÇÕES

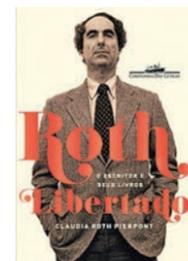
Conhecido como autor premiado de histórias em quadrinhos, o mineiro Wellington Srbeck envereda pelo universo da poesia com sensibilidade e generosidade, lançando em formato *e-book* todos os seus livros. *Sobre o amor e outras perdições* aborda temas como paixão, desejo e erotismo de forma envolvente e intensa, através de poemas insinuantes sobre memórias amorosas, sempre privilegiando o ritmo e a rima.



Autor: Wellington Srbeck
Editora: Edição do autor
Páginas: 38
Preço: R\$ 5,99

ROTH LIBERTADO: UM ESCRITOR E SEUS LIVROS

Ensaio crítico com passagens biográficas, o livro de Claudia Pierpont procura desvendar os processos criativos de Philip Roth, um dos autores mais festejados e criticados do século 20, defendendo-o das acusações de misoginia e antissemitismo, que marcaram a sua carreira literária. O livro revela aspectos familiares, conta anedotas, fala de suas inspirações, das críticas, dos aspectos ficcionais de sua obra e das amizades que manteve com Saul Bellow e John Updike.



Autora: Claudia Roth Pierpont
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 472
Preço: R\$ 52,90

O CÁGADO E A FRUTA

Fábula indígena sobre um esperto cágado, que enfrenta uma feiticeira em busca do conhecimento que lhe permita saborear um fruto proibido, desejado pelos habitantes da floresta. A autora ilustra o livro usando nanquin, fotografia de tecido e efeitos gráficos, com resultado colorido e alegre. Acompanha um suplemento de atividades com reflexões sobre animais e desmatamento, um glossário de palavras tupis, e exercícios de interpretação e de escrita.



Autora: Rosinha
Editora: Ed. do Brasil
Páginas: 32
Preço: R\$ 30,90

UMA CRIATURA DÓCIL

Edição de bolso de um dos últimos livros de Dostoiévski, a obra-prima escrita em 1876 e ilustrada pelo genial Lasar Segall. A tradução do russo para o português é de Fátima Bianchi. A narrativa é conduzida pelo personagem, um homem orgulhoso e introspectivo que vive um casamento de conveniência com uma adolescente pobre e humilhada, cuja busca pela liberdade só é conquistada com a morte, deixando-o perplexo.



Autor: Fiódor Dostoiévski
Editora: CosacNaify
Páginas: 121
Preço: R\$ 21,90

CONTOS E MICROCONTOS

Prêmio Maximiano Campos celebra obras do autor

Até 30 de agosto estão abertas as inscrições para o 11º Prêmio Maximiano Campos de Literatura, que comemora quatro décadas das obras *As feras mortas* e *O major Façanha*, do escritor pernambucano. O concurso é aberto a todos os países de língua portuguesa. Além de prêmios em dinheiro para os três primeiros colocados das categorias Contos e Microcontos, os dez melhores serão publicados pela editora Carpe Diem. O regulamento está disponível em www.imcbr.org.br.

VIVÊNCIAS ENTRECRUZADAS

Diálogo entre xilogravuras, desenhos e outras artes

Até o dia 19, na Fundaj de Casa Forte, podem ser apreciadas as exposições *Entre relevos*, de Lucas Dupin, e *Viagem através*, de Daniel Beerstecher e Flávia Mattardos, artistas contemplados pelo edital Residências Artísticas 2014. Lucas Lupin propõe um diálogo entre mestres xilogravuristas de Bezerros (PE) e doceiras de Carmo do Rio Claro (MG), que gravam desenhos em frutas cristalizadas, apontando semelhanças técnicas.

VIVÊNCIAS ENTRECRUZADAS 2

Imaginário supera distância geográfica

Na exposição *Viagem através*, Flávia Mattar e Daniel Beerstecher abordam imaginário, deslocamento e transculturalidade, unindo noções e visões sobre o Nordeste a partir de vivências de moradores da comunidade da Maré (RJ). As duas mostras ocupam a Galeria Massangana e a Sala Waldemar Valente. A visitação é de terça a sexta, das 9h às 17h (fecha para almoço) e sábados e domingos das 14h às 17h.

CRÔNICA

Santiago Nazarian

KARINA FREITAS



Crítica literária para quem?

O texto era para ser outro. O suplemento *Pernambuco* me pediu a resenha de um clássico da literatura juvenil, que estava sendo reeditado. Por semanas o editor do caderno escreveu, ligou e lembrou a editora de enviar o livro, que teria apenas de me ser entregue num endereço central da cidade de São Paulo. Não veio. E não me surpreendeu.

Como autor, perdi a conta de quantas vezes tive de insistir com editora para que entregassem o livro a tal e tal jornalista, que seria garantia de resenha. Já ouvi da boca de assessoria que “resenha não vende livro”, para a editora é mais interessante matéria, entrevista ou o próprio *release* sendo reproduzido em jornal, coisa cada vez mais comum de acontecer, com redações preguiçosas e sucateadas. A opinião não importa.

Então a quem interessa a crítica literária hoje? O espaço nos jornais e revistas é cada vez menor. Cadernos literários (e revistas inteiras dedicadas à cultura, como a *Bravo!*) foram extintos nos últimos anos. A tiragem média da literatura brasileira contemporânea permanece nos três mil exemplares – é uma expectativa baixa de venda que muitas vezes não justifica o investimento no livro e o espaço dado a ele na mídia.

“Quem lê a crítica é o literato. A crítica serve para o livro ser conhecido entre os pares”, diz Paula Fábrio, 44, vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura em 2013 com *Desnorteio*, seu romance de estreia. Antes de ganhar o prêmio, seu livro praticamente não havia sido resenhado – o que desmistifica um pouco a ideia de que a crítica abre as portas para a premiação. “Comigo aconteceu o contrário. O prêmio me

abriu para as resenhas,” diz ela “A forma como esses prêmios são estruturados garantem a leitura, mesmo sem um reconhecimento prévio.”

Andrea del Fuego, 40, tem experiência semelhante. Seu romance *Os Malaquias*, que recebeu o Prêmio Saramago em 2011, foi lançado por uma editora pequena (Língua Geral) e teve pouca repercussão de crítica antes do prêmio. Ainda assim, ela reconhece a importância da crítica para o autor. “Ela ajuda a situar o trabalho. Você percebe onde o livro se encaixa e onde não se encaixa. Sempre prefiro resenhas a matérias ou entrevistas. Prefiro o que não conheço.”

A crítica negativa nunca prejudicou as vendas – com a imensa maioria dos *bestsellers* sendo ou ignorados ou massacrados pela imprensa – e não impede nem mesmo que o livro seja premiado. *Opisanie swiata*, romance de estreia de Veronica Stigger, 41, não foi unanimidade nas resenhas literárias, ainda assim faturou o Prêmio Machado de Assis, o Prêmio São Paulo e o Prêmio Açorianos de Narrativa Longa em 2014. Stigger contesta a validade da crítica negativa. “Já não há muito espaço. Por que ocupar com resenha negativa?”

Del Fuego pensa diferente. “Na hora [em que se lê a resenha negativa] a dor é física. Mas depois eu prefiro [a não sair nada]. Gera uma discussão sobre o livro.”

Evandro Affonso Ferreira, 70, que ganhou o Jabuti em 2013 com o romance *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam*, vê com saudosismo a época de críticos como Alceu Amoroso Lima e Antonio Candido. “A importância do crítico antigamente era bem maior. A gente conheceu Raduan Nassar e João Antonio graças a essas pessoas.” Hoje ele

acredita que a crítica ajuda a dar um pouco de visibilidade, em escala reduzida. “O prêmio e a crítica são importantes para a sobrevivência do autor, para ele ser chamado para eventos em que se recebe cachê”, completa Evandro. “Já a obra caminha independente disso. Nada é maior do que a obra.”

Mas se a literatura perdeu espaço na mídia impressa, proliferaram os *blogs* e *vlogs* sobre o tema. A maior parte é feita por leitores jovens, que oferecem uma visão menos embasada, porém mais apaixonada da literatura. “A crítica literária no Brasil sempre teve um tom de superioridade”, diz Raphael Montes, 24, autor revelação da literatura policial. “Isso é responsável por afastar o leitor da obra. Nos Estados Unidos, a crítica positiva gera frases de venda: ‘Melhor livro do ano’, etc. Aqui o crítico tem sempre um rebuscamento, parece que tem medo de elogiar.” Nesse contexto, ele aponta como a crítica de internet se aproxima mais do leitor médio.

Então qual é a função da crítica literária hoje? Não parece haver uma certeza nem um consenso. O que se conclui é que crítica não vende livro, não vende jornal, não leva aos prêmios. Mas contribui em mínima escala com tudo isso. Num meio tão limitado, é uma das ferramentas que o autor tem para tentar ocupar um pouco mais de espaço e ter um termômetro de sua própria produção. E, acima de tudo, é a satisfação de saber que o livro foi de fato lido, pensado, por um leitor especializado. É pouco. Mas o escritor brasileiro se acostumou a se contentar com pouco. Se abrimos mão disso, estaremos desistindo do papel crítico da literatura em si.